



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATA
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS ESPANHOL**

DANILO SOARES DE LIMA

**A ICONOGRAFIA DA MULHER COMO BRUXA REPRESENTADA PELAS
PERSONAGENS TITUBA EM *EU, TITUBA BRUXA NEGRA DE SALEM* (CONDÉ)
E CELESTINA NA OBRA *LA CELESTINA* (ROJAS)**

**MONTEIRO/PB
2022.1**

DANILO SOARES DE LIMA

**A ICONOGRAFIA DA MULHER COMO BRUXA REPRESENTADA PELAS
PERSONAGENS TITUBA EM *EU, TITUBA BRUXA NEGRA DE SALEM* (CONDÉ)
E CELESTINA NA OBRA *LA CELESTINA* (ROJAS)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras habilitação em Língua Espanhol.

Área de concentração: Literatura Espanhola

Orientador: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia

**MONTEIRO/PB
2022.1**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732i Lima, Danilo Soares de.

A iconografia da mulher como bruxa representada pelas personagens Tituba em Eu, Tituba Bruxa Negra de Salem (Condé) e Celestina na obra La Celestina (Rojas) [manuscrito] / Danilo Soares de Lima. - 2022.

80 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Feminino. 2. Celestina. 3. Tituba. 4. Estigma-Corpo. 5.
Racismo. I. Título

21. ed. CDD 320.56

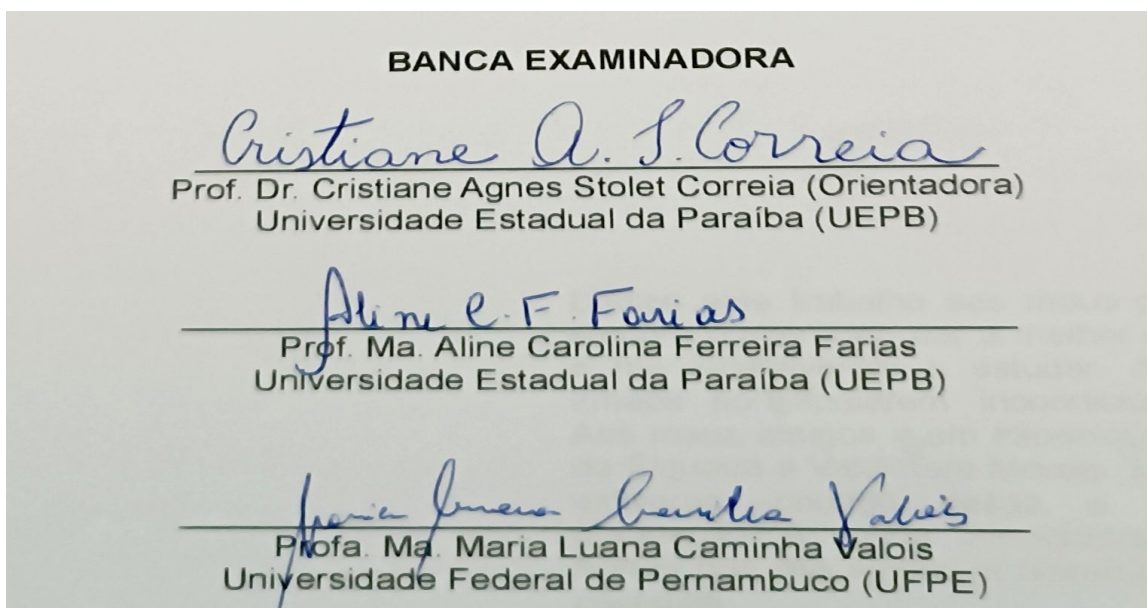
DANILO SOARES DE LIMA

A ICONOGRAFIA DA MULHER COMO BRUXA REPRESENTADA PELAS
PERSONAGENS TITUBA EM *EU, TITUBA BRUXA NEGRA DE SALEM* (CONDÉ)
E CELESTINA NA OBRA *LA CELESTINA* (ROJAS)

Trabalho de Conclusão de Curso
(monografia) apresentado à Coordenação
do Curso Letras Espanhol da
Universidade Estadual da Paraíba, como
pré-requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Letras habilitação em
Língua Espanhola.

Área de concentração: Literatura
Espanhola

Aprovado em: 28/07/2022.



Dedico este trabalho aos meus pais. Pois sempre procuraram dar a melhor educação e me incentivaram a estudar. Aos meus irmãos por me apoiarem incondicionalmente. Aos meus amigos e, em especial, a Natalice de Siqueira e Valdimere Moraes que sempre estiveram comigo desde o início da graduação. A minha orientadora Cristiane Agnes que me ajudou a desenvolver essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À professora Cristiane Agnes por toda trajetória e conhecimento proporcionado ao longo dos anos em suas disciplinas de Literatura Espanhola como também no Programa de Residência Pedagógica. Ademais, por me ajudar a desenvolver este trabalho que considero tão importante.

Aos meus pais José Soares e minha mãe Maria José por todo apoio incondicional aos meus estudos; sem eles nada seria possível e por estar cuidando e me incentivando a buscar um futuro promissor e melhor.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB, em especial, Gustavo Castellón, Aline Carolina, Dalila Gomes, Maria da Conceição, Luana Valois, que contribuíram ao longo dos anos para minha formação profissional e pessoal, por meio das disciplinas e debates que realizamos em conjunto com os colegas de classe. Além disso, sempre serão referência quando eu imaginar o que é ser professor e vocês me mostraram que ensinar é uma dádiva, que podemos mudar o futuro dos alunos.

À minha amiga Natalice de Siqueira por ser meu porto seguro desde o começo da graduação, em que compartilhamos momentos tristes, frustrações, medos, sentimentos que qualquer aluno passa na adaptação acadêmica. Mas, sempre um ajudando o outro, sem sua presença em classe talvez seria mais difícil de seguir a jornada. Obrigado por tudo nessa caminhada ao meu lado.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio em especial, Jessika Roberta, Anny Karoline, Valdimere Morais, Jakellyne Ruth, Amanda Maria, Anne Karoline, Claudia Maria e Anna Rita, por estarem comigo nos momentos mais difíceis e felizes que passamos juntos em classe, em que sempre nos apoiamos uns nos outros para enfrentarmos as dificuldades que apareciam em nosso caminho.

A verdade é uma coisa bela e terrível, e portanto deve ser tratada com grande cautela. (Harry Potter e a Pedra Filosofal).

RESUMO

No presente trabalho, temos como finalidade analisar a personagem Tituba da obra *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé, destacando o racismo, o machismo, a intolerância religiosa e a acusação de bruxaria no final do século XVI. Também objetivamos focar a personagem Celestina da obra *La Celestina* de Fernando de Rojas, salientando o preconceito sobre a mulher anciã considerada bruxa no final do século XIV e ressaltando sua ascensão na sociedade como curandeira e prostituta. O estudo das personagens ganha sentido por darem visibilidade à história de Celestina e Tituba como protagonistas, vinculando suas trajetórias ao tecido social da época e representando a condição feminina. Observamos que se gerou um estereótipo de amedrontamento, temor e pavor sobre a mulher, o qual foi reforçado pelo homem e outras entidades de poder na Idade Média e Moderna, houve a construção dessa imagem negativa. Elegeu-se um estudo analítico e reflexivo das obras propostas, com base no gênero feminino, percebendo a associação feita entre a mulher e a bruxaria, o que provocou inúmeros desdobramentos no imaginário social. Para embasar nossa investigação, realizamos uma pesquisa qualitativa e bibliográfica em teses, artigos e livros que abordam a historiografia da bruxaria, do feminino, do corpo da mulher, a visão da igreja e da sociedade. Baseamo-nos em teóricos como Russell e Alexander (2020), Aguiar (2011), Andreta (2015), Ribeiro(2014), Beauvoir (1970). entre outros. A investigação assegura que Celestina e Tituba foram vítimas de uma sociedade sexista e machista, colocando-as como bruxas e produzindo um discurso de ódio contra o feminino, entretanto elas persistiram bravamente lutando em oposição ao sistema opressor, considerando que inspiraram tantas outras mulheres que viveram ou ainda vivem o preconceito por ser mulher.

Palavras-Chave: Feminino. Celestina. Tituba. Estigma-Corpo. Racismo.

Resumen

En el presente trabajo, nos proponemos analizar el personaje Tituba de la obra *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé, destacando lo racismo, machismo, intolerancia religiosa y la acusación de brujería al final del siglo XVI. También pretendemos centrarnos en el personaje Celestina de la obra *La Celestina* de Fernando de Rojas, salientando el prejuicio sobre la anciana considerada bruja a finales del siglo XIV y resaltando su ascenso en la sociedad como curandera y prostituta. El estudio de personajes gana sentido para dar visibilidad a la historia de Celestina y Tituba como protagonistas, vinculando sus trayectorias al tejido social de la época y representando la condición femenina. Observamos que se generó un estereotipo de miedo, temor y pavor sobre la mujer, que fue reforzado por los hombres y otras entidades de poder en la Edad Media y Moderna, donde se produjo la construcción de esta imagen negativa. Se optó por un estudio analítico y reflexivo de las obras propuestas, a partir del género femenino, percibiendo la asociación hecha entre mujer y brujería, que provocó numerosos desarrollos en el imaginario social. Para basar nuestra investigación, hicimos una pesquisa cualitativa y bibliográfica en tesis, artículos y libros que abordan la historiografía de la brujería, lo femenino, el cuerpo de la mujer, la visión de la iglesia y la sociedad. Nos apoyamos en teóricos como Russell y Alexander (2020), Aguiar (2011), Andreta (2015), Ribeiro (2014), Beauvoir (1970), entre otros. La investigación asegura que Celestina y Tituba fueron víctimas de una sociedad sexista y machista, calificándolas de brujas y produciendo un discurso de odio contra lo femenino, sin embargo persistieron valientemente en la lucha contra el sistema opresor, considerando que inspiraron a tantas otras mujeres que vivían o aún viven el prejuicio por ser mujer.

Palabras Clave: Femenino. Celestina. Tituba. Estigma-cuerpo. Racismo.

SUMÁRIO

1 - Introdução	11
2 - A Historiografia da mulher-bruxa: Um panorama da condição feminina na Idade Média e Moderna	13
2.1 - O lugar da mulher na esfera social	14
2.2 - A Construção ideológica da Igreja	16
2.3 - O corpo da mulher como instrumento para o mal	18
2.4 O sexismo: a ideologia de rebaixar o ser feminino	22
3- Uma perseguição misógina na Espanha\América contra as bruxas	24
3.1 A caça aos Judeus	24
3.2 A situação das bruxas na Espanha	27
3.3 - A transição: da caça às bruxas na velha Inglaterra para as colônias americanas	31
3.4 - O grande julgamento das bruxas de Salem	34
4-Tituba uma bruxa negra na era moderna	37
4.1. Resumo da Obra	37
4.2- A mulher negra	39
4.3- A representação da mulher negra na obra de Condé	41
4.4- Tituba: bruxa negra em busca de sua liberdade	47
4.5 - Diálogos sobre o aborto da personagem Tituba como ato de resistência	54
5-Celestina: uma bruxa renomada na sociedade medieval	58
5.1- Resumo da obra	58
5.2- A bruxa Celestina	59
5.3 - A prostituta no corpo social	63
5.4 - Os encantamentos de seu ofício: a prostituta em ascensão	65
5.5 - O estigma do corpo da bruxa Anciã	68
5.6 - A morte de Celestina	73
6- Considerações finais	75
7 - Referências	77

1 - Introdução

Desde a Antiguidade ocidental existem desigualdades e diferenças entre homens e mulheres, vinculadas à questão de gênero. O sexismo e a misoginia foram e ainda são muito presentes na nossa sociedade. Além do mais, historicamente a mulher foi inferiorizada e rotulada sempre com aspectos negativos, pelo homem, pela Igreja, pelo Estado. Por essa razão, o feminino sofreu com a grande repressão baseada em seu gênero, que colocava o masculino como superior e dono do sistema de poder em quase toda esfera social que ocupava.

Dado que essa linha de pesquisa apresentada sobre a mulher e a bruxaria, foi uma temática que sempre nos motivou o interesse de ler e a procurar saber mais detalhes sobre essa excessiva caça às bruxas, por todo contexto histórico e social e pelo estigma em relação ao feminino construído ao longo do tempo, surgiu o interesse da construção desse trabalho.

O percurso metodológico utilizado nesta investigação é qualitativo e bibliográfico que está alicerçada por autores como; Russell e Alexander (2020), Gevehr e Souza (2016), Aguiar (2011), Andreta (2015), Ribeiro(2014), Beauvoir (1970), entre outros para fundamentar essa pesquisa sobre o feminino.

O presente trabalho tem como finalidade analisar a estigmatização feminina em duas obras literárias: *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé e *La Celestina*, de Fernando Rojas.

A primeira obra foi publicada pela primeira vez em 1986. A autora, feminista e negra, dá voz a esse mesmo perfil de mulher como protagonista. O episódio ao que a obra faz referência ficou bastante conhecido no mundo como o julgamento das bruxas de Salem, em Massachusetts, 1692, onde diversas mulheres foram acusadas de bruxaria devido a acontecimentos estranhos ocorridos com as pessoas neste período de histeria contra as bruxas.

A segunda obra é *La Celestina* (1499), de Fernando de Rojas, que atravessou séculos com uma produção que marcou a Idade Medieval e o Renascimento, trazendo diversos temas importantes, como por exemplo: amor impossível, morte, luxúria e bruxaria, que nos interessa mais diretamente na presente pesquisa.

Em ambas as análises às quais nos lançamos, enfocamos apenas nas protagonistas para desdobrar nossas reflexões. Frisamos ainda que buscamos um

olhar analítico direcionado à condição da mulher/bruxa no período medieval e na era moderna, expondo e analisando o papel desempenhado no contexto social machista, racista, segregacionista com o feminino, tentando entender a construção desse estigma sobre a mulher.

Observamos que foi criado um estereótipo da mulher, do feminino, do trabalho e do poder relacionado ao gênero, que, de certo modo, se mantém até hoje. Portanto, precisamos dar voz e espaço para relatar como era/é essa condição feminina e repensá-la.

Para nossa investigação, dividimos nosso trabalho em quatro capítulos específicos: dois teóricos e dois para análise, de modo a evidenciar reflexões sobre a iconografia¹ da mulher.

O primeiro capítulo está embasado em uma breve pesquisa historiográfica de como a mulher era vista na Idade Média/Moderna, enfatizando a visão ideológica da igreja que contribuiu para o estigma, como também para o estereótipo do corpo feminino. Além disso, observamos o lugar da mulher na esfera social, percebendo o sexismo muito presente na formação cultural predominante, reforçando uma estrutura de dominação masculina.

No segundo capítulo, iremos apresentar a perseguição das bruxas em algumas instâncias principais. Primeiramente relataremos a “caça” aos judeus, visto que está diretamente relacionado ao escritor Fernando de Rojas, o que consequentemente influenciou a escritura de sua obra *La Celestina*. Em seguida, demonstraremos a conjuntura das bruxas no contexto espanhol, constituindo-se como um grande surto de histeria. Também descreveremos um pouco da perseguição das bruxas na velha Inglaterra, nas colônias americanas, colocando o mais expressivo julgamento das bruxas de Salem, no qual a personagem Tituba em análise estava envolvida.

Já no terceiro capítulo, discutiremos sobre a personagem Tituba, acusada de bruxaria e destacando a representação da mulher negra e as violências ocorridas, como o estupro de sua mãe, o racismo, a escravidão, o aborto e a intolerância religiosa. Ademais, ressaltamos a caminhada de Tituba em busca da liberdade, caminhada esta árdua e espinhosa em um mundo racista e misógino. Salientaremos

¹ Iconografia descreve o estudo ou a pesquisa referente ao conjunto da produção de imagens de qualquer espécie referente a determinado assunto. disponível em: [Iconografia - Conceito, Definição e O que é Iconografia \(meusdicionarios.com.br\)](https://meusdicionarios.com.br/iconografia-conceito-definicao-e-o-que-e-iconografia) acesso em 29 de julho de 2022.

ainda a questão do aborto da Tituba como ato de resistência e luta ao sistema genocida que permeava a vida dos negros.

No último capítulo, trataremos da análise de como a personagem Celestina é apresentada por Rojas, sendo mulher, prostituta e bruxa na sociedade, do mesmo modo que os múltiplos ofícios fizeram a curandeira ter uma grande relevância para a localidade na qual residia. Além disso, seu conhecimento e manuseio das ervas medicinais por experiência e pela velhice foi o ponto de eclosão para se manter na sociedade que a discriminava e a caçava por ser bruxa.

Portanto, a partir desse percurso traçado nesta pesquisa, iremos entender um pouco mais sobre os múltiplos estigmas que sobressaíram para o feminino e as bruxas neste período de repressão e opressão na Idade Medieval e Moderna.

2 - A Historiografia da mulher-bruxa: Um panorama da condição feminina na Idade Média e Moderna

2.1 - O lugar da mulher na esfera social

A historiografia medieval foi cruel com o gênero feminino de diversos modos, inferiorizou, subjugou e marginalizou as mulheres através de valores e costumes² patriarcais, que foram instrumentos para manter a figura masculina no poder na sociedade. Segundo Segura:

La sociedad patriarcal no ofrece posibilidades a las mujeres para modificar su situación, ellas debían aceptar el diseño de su vida impuesto por los hombres. Todas ellas, pertenecieran a una clase social o a otra, estaban sometidas a esta situación de inferioridad y subordinación que, en sí misma, es violenta.(Segura, 2008 p.30).

Sendo assim, o homem, com sua “superioridade”, estabelece papéis para a mulher submeter-se, como por exemplo: o “fechamento” no espaço doméstico, a obrigatoriedade do casamento, cumprindo papel de esposa e mãe. Desse modo, percebemos que a liberdade, a escolha e o livre arbítrio foram tirados da mulher nessa subordinação exercida pelo poder de decisão do homem.

Além disso, a figura masculina foi “despindo” a mulher gradativamente: ela não pode ser dona de seu corpo, dar voz a seus pensamentos ideológicos, ser dona de si mesma, quando pensamos, não sobrou nada. O feminino ficou sem identidade, de tanto violarem sua imagem.

Com isso, o patriarcado³ e o machismo⁴ prevaleceram na sociedade medieval e moderna, a mulher ficando à margem com papéis restritos ao trabalho doméstico, à função de gerar e nutrir a prole do marido, funções essas marcadas por uma inferiorização, por uma desvalorização ao gênero feminino, já que sempre se subordinava à figura do homem, quem detinha o poder da palavra, da decisão e da ação no âmbito público.

² Vale salientar que a partir de crenças e costumes impostos à mulher, tais como a obrigatoriedade de ser dona do lar, esposa, submissa, reprodutora, ideologias patriarcais e machistas foram se enraizando, já desde a Idade Medieval.

³ Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. (NARVAZ e KOLLER, 2006,p.50).

⁴ O machismo constitui, portanto, um sistema de reproduções-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizando, dividindo em polo dominante e polo dominado[...] (DRUMONT,1980,p.82).

O lugar no qual a mulher foi posta historicamente valida o pilar da invisibilidade. Afinal, através do discurso do homem, quantas mulheres foram apagadas e construídas da forma como o homem queria que elas fossem vistas no corpo social? Segundo Chagas (2017):

As descobertas científicas que avançaram no Renascimento provocaram uma vasta mudança na Idade Média, influenciando na posição social das mulheres, visto que passaram a participar, auxiliando nos partos e também confeccionando remédios à base de ervas. Nessa época, essa ajuda era realizada por mulheres denominadas curandeiras (CHAGAS,2017,p.3).

Conforme Chagas, compreendemos que a mulher continua exercendo posições secundárias com a supervisão masculina ao seu lado, o feminino não tinha a liberdade de ser médica, escritora, artesã, entre outras profissões que as mulheres não poderiam exercer, porque eram consideradas estritamente masculinas. Quando exercia, era às escondidas, para que a supremacia masculina não soubesse, se não eram presas ou até mesmo mortas por tal desobediência. Logo, essa posição que Celestina desempenhava de “curandeira” se tornaria um dos motivos para ser caçada, torturada e enforcada pelo poder⁵ vigente na época medieval e renascentista.

Por conseguinte, a idade moderna traz o advento do capitalismo⁶ e os meios de produção no tecido social, mas a mulher torna-se uma ferramenta de trabalho para o homem por muito tempo, sendo explorada e submissa ao patriarcado. Chagas enfatiza que “Mesmo frente a essa mudança da posição da mulher na sociedade moderna, em vista da necessidade da mão de obra, a submissão ao homem se mantinha” (CHAGAS, 2017,p.4). Ou seja, as mulheres continuaram subordinadas e sofrendo grandes jornadas de trabalho em condições extremamente precárias e exaustivas sob a opressão masculina.

Sendo assim, a mulher quase sempre foi um instrumento e moeda de troca para o homem ao longo da história, que a “usou” de todas as maneiras possíveis para alcançar seus objetivos e poder.

Portanto, o “ser feminino” carregava um peso bastante significativo na dominação e na iconografia negativa que se apossaram e transfiguravam sua

⁵ Aqui me refiro à Igreja e ao Estado como os principais perseguidores das mulheres-bruxas.

⁶ Surgiu no século XV, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, a partir da decadência do sistema feudal e do nascimento de uma nova classe social, a burguesia. disponível em :<https://www.todamateria.com.br/capitalismo/> acesso em 19 de abril de 2022.

identidade, silenciando-a e transfigurando-a. A mulher foi estereotipada de toda forma possível, corromperam do seu corpo a sua alma, sem maior remorso ou compaixão, com atrocidades que cometeram, desde a violação sexual, física, psicológica e moral no tecido social, até queimadas nas grandes fogueiras inquisitórias como bruxas.

Nessa transição da idade medieval para a era moderna, a Igreja também contribuiu para a imagem negativa que foi construída sobre a mulher. Dessa forma, iremos enfatizar alguns pontos a partir da perspectiva religiosa cristã.

2.2 - A Construção ideológica da Igreja

A perpetuação da construção negativa sobre a mulher ao decorrer dos séculos está embasada nos textos bíblicos de *Gênesis*⁷ e *Epístola de São Paulo*⁸, especificamente na criação de Eva e o pecado que ela cometeu ao comer o fruto proibido (Gevehr e Souza, 2016). Os cristãos usaram esse aspecto negativo para fundamentar a submissão e a inferiorização da mulher ao homem. De acordo com Andorinha (2008);

A mulher, estigmatizada como ser impuro e portadora de impureza e tomada como Eva, vinculada para sempre a uma tendência para o pecado. Eva incitou Adão a provar do fruto proibido e ambos conheceram as dores da mortalidade traçando assim o primeiro estereótipo feminino. (ANDORINHA, 2008, p.47).

Essa imagem estereotipada da mulher foi reforçada na Idade Média pelo poder eclesiástico, trazendo grandes consequências para o meio social. A igreja consolida a mulher como pecadora, que trouxe os males para o mundo com sua

⁷ A inferioridade da mulher no cristianismo foi justificada especialmente pelas *Epístolas de São Paulo* e pelo relato do Gênesis, com a criação do mito de Eva e a expulsão do paraíso. O Gênesis mostra que Deus teria criado Eva a partir de Adão, o que justificava, para a Igreja, a submissão da mulher ao homem, e, tendo sido criada a partir de um osso curvo da costela de Adão, o espírito da mulher revelava esse desvio, sendo traiçoeiro desde a sua origem. Eva, com seu desejo abrasador de conhecimento do Bem e do Mal, ao consentir ser seduzida pelo Diabo, leva Adão consigo, tornando-se responsável pela perdição da moral do homem. Dessa forma, a mulher, além de ser um ente negativo, representava uma tentação incessante, devendo os homens evitá-la, para continuar com seu espírito intacto, livre do pecado e da danação eterna. (GEVEHR E SOUZA, 2016,p.114).

⁸ No livro Timóteo: A mulher conserve o silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. (Bíblia, 1969, p.270).

desobediência a Deus. Mas por que culpabilizar apenas a mulher se o homem também participou e “pecou⁹” ao comer o fruto?

E essa condição da mulher em um mundo religioso, patriarcal e sexista em que a igreja desempenha grande poder na era medieval e renascentista trouxe consequências graves para sua vida. O feminino se torna um ser que sofrerá com grande discriminação, marginalização e submissão pelo homem em todas as instâncias sociais, porque seu lugar foi estabelecido como inferior, pecadora, serva de Satã, entre outros adjetivos postos negativos sobre ela. Desse modo, “[...] a visão que se tinha da mulher no período da Idade Média era predominantemente negativa. Sua origem, muito antiga, foi moldada de acordo com a interpretação teológica dos homens da Igreja [...]” (GEVEHR E SOUZA, 2016,p.115). Percebemos, portanto, que essas associações que foram construídas acabam perpetuando a mulher como detentora do mal, deixando-a em situação de ameaça a todo instante por muito tempo na sociedade.

E a partir desse movimento de inferiorização da figura feminina como o perigo e o mal, ela precisou ser controlada, mantida em observação a todo tempo. Ou seja, um sujeito autônomo dono de si não é controlado, pois ele tem controle sobre suas ações, sua vida e seu corpo. A mulher, no entanto, não tinha direito a esta liberdade. De acordo com Silva Cardoso (2020):

Constantemente doutrinadas com esse discurso misógino, as mulheres se resignam a uma rotina limitada e escravizante. Mais do que isso, passam a naturalizar o discurso, recebendo como verdades as ideias que as desvalorizam” [...]. (DA SILVA CARDOSO, 2020, p.55).

O homem foi designado como o centro do poder e das relações sociais nesse contexto medieval, imagem e semelhante a Deus, teria uma posição superior por simplesmente a mulher ser criada a partir do homem e, sendo assim, deveria a submissão e lealdade ao seu criador sem subjugar-lo ou contestar. Desse modo, “[...] a mulher ocupa um lugar secundário na Criação e, portanto, está sujeita aos mandos e desmandos do homem, já que sua razão de ser é estar na companhia dele” (SILVA E MEDEIROS, 2014, p.8). A mulher constitui um produto negativo e impuro da natureza humana e, descendente da portadora do mal, seu estigma foi passado por

⁹ O Pecado é um conceito criado e desenvolvido pela Igreja, é por essa razão que estou utilizando neste contexto aqui.

gerações ao feminino como vírus contagioso que dificilmente foi rompido ao longo da história.

Portanto, compreendemos que, mesmo ao passar do tempo, o estigma que foi criado sobre o feminino baseado em Eva são marcas que até hoje deixam resquícios de inferiorização, diminuição e restrição das mulheres na sociedade contemporânea. Foram ideologias que perpassaram os séculos em busca de controlar e manter a mulher sob a supervisão e poder do homem.

Agora iremos entender como o corpo feminino foi construído e demonizado pela figura masculina partindo de ideologias religiosas e, principalmente, no movimento misógino de inferiorizar a mulher e a rotular como bruxa.

2.3 - O corpo da mulher como instrumento para o mal

A construção estereotipada sobre a figura feminina veio muito de ideologias do homem e da igreja através da história de Adão e Eva com o *Pecado Original*. Nesse sentido, o uso deste artifício para disseminar um discurso de inferioridade, malefício e misoginia sobre a imagem da mulher foi constante. Segundo Gevehr e Souza: “A mulher, através do Pecado Original, tornou-se responsável pelas dores e a morte do gênero humano”. Com isso, passou, então, a simbolizar a tentação, o pecado e o mal.” (GEVEHR e SOUZA, 2016,p.115).

Esse peso que Eva carrega por quebrar as regras impostas por Deus e por fazer Adão comer o fruto proibido traz a mulher como a única culpada e detentora da perdição, tirando e anulando a culpabilidade do homem também neste feito ocorrido. A partir disso, vários outros atributos foram construídos e sobrepostos para a mulher, a igreja alegou que o feminino carregava consigo o princípio do mal e, por sua natureza de seduzir e colocar a figura masculina, a libertinagem com seu corpo (RICHARDS,1993).

Desenvolveu-se assim a simbolização do corpo feminino como uma ferramenta do mal, mas também como instrumento que despertava desejo e luxúria no homem. Segundo Ribeiro; “ [...] A influência demoníaca é feita através do controle da sexualidade, e por ela, o demônio se apropria primeiramente do corpo e depois da alma do homem. “[...] as mulheres são o maior canal de ação demoníaca” (RIBEIRO,2014, p.14). Desse modo, a mulher, por ser inferior e mais frágil, alguém iria subjugar-la, nesse caso não seria Deus senão o próprio diabo, que, após a

copulação, acaba sendo serva dessa entidade do mal. Ou seja, a mulher vai ser um grande risco para a sociedade, corrompe tudo, destrói tudo, todas as instituições divinas. Segundo Noeme (2017), sobre essa questão mencionada:

A mulher é tomada como o signo da luxúria e da perversão, maculada por uma índole turbulenta e descontrolada. São estas características que favorecem sua aliança com Satã. Facilmente manipuláveis, as mulheres cedem mais facilmente aos impulsos do corpo, da inveja e da maldade, o que as transforma em um instrumento preferido para as alcunhas do diabo contra a cristandade (NOEME, 2017, p. 261).

Sendo assim, a mulher por representar esse mal no tecido social, precisava ser combatida, torturada e queimada se fosse preciso, para não corromper o ser humano e as instituições de poder. Deste modo, o feminino começou a ser perseguido e nomeado por vários males, é chamada de bruxa, feiticeira, culpada por ser impura e imperfeita. Essa imagem difundida por séculos da mulher ser uma serva do demônio foi tornando o sexo feminino tão temido e se tornou quase uma obsessão para os teólogos. Com a ascensão da Inquisição sobre a bruxaria e a caça às bruxas, o corpo tornou-se um objeto para a comprovação que Satã existia e que agia a partir desse ser impuro. A manipulação e controle seria conseqüentemente mais fácil de obter. Quando se suspeitava de mulher-bruxa, a primeira coisa a se buscar nela era a marca em seu corpo, algum indício de contato entre a bruxa e o demônio.

Acreditava-se que as bruxas tinham pontos insensíveis espalhados pelo corpo, os quais teriam sido marcados pelo Diabo. Por vezes essas marcas eram visíveis, como uma cicatriz ou um lunar, mas também havia outras invisíveis, que só podiam ser localizadas pulsando a acusada com um instrumento pontiagudo. Uma outra prova era a marca da bruxa. Muito distinta da marca do Diabo, buscava-se no corpo da bruxa qualquer protuberância que pudesse ser considerada um mamilo adicional no qual, pressupunha-se, os demônios mamassem na forma de familiares. As bruxas eram despidas e minuciosamente esquadrihadas em busca de qualquer sinal de suas relações íntimas com o Diabo (RUSSELL E ALEXANDER, 2019,p.103).

Nessa perspectiva, a mulher acusada de bruxaria era violada, também com ações psicológicas, quando os acusadores faziam inúmeros interrogatórios com a justificativa de ter o objetivo dela contestar e comprovar que não era uma bruxa. Porém, suas palavras não tinham valor algum para os inquisidores. Outro método utilizado pelos inquisidores foi a violação física, corpórea do feminino em busca

desse tal sinal que a tornaria a serva do mal. Na tentativa de incriminá-la a partir dessa marca que teria uma conexão com forças sobrenaturais.

Segundo Russell e Alexander (2019), outro ponto em relação a essa marca ou sinal são os familiares que as bruxas teriam. Geralmente esse familiar eram espíritos ou animais que tinham uma conexão e sensibilidade muito forte com seu dono, tornando um aliado em suas práticas e sendo canalizador de energias para ajudar a bruxa quando necessário. Além disso, a mulher compartilhava fluidos corporais (sangue) com o seu membro em troca de usar seus poderes e se transformar neles. Segundo Pereira ;

[...] alguns animais foram perdendo o seu carácter sagrado e adquirindo outro que, convenientemente, os desvaloriza e associava às trevas, ao submundo, ao demónio, às bruxas... com estas, os gatos foram perseguidos e queimados sozinhos ou junto com as mulheres acusadas de feitiçaria. (PEREIRA, 2011, p.186-187).

Sendo assim, os animais como gatos, cobras, sapos, ratos, eram familiares que as bruxas supostamente tinham como animais de estimação em suas casas. Com isso, criou-se o imaginário que havia uma conexão entre o diabo e estes animais nos rituais que as bruxas faziam nos sabbats¹⁰ nas florestas em veneração ao seu senhor. Ou seja, “poder-se-ia descobrir bruxas mediante exame de seu corpo, procurando uma marca do diabo ou um mamilo de bruxa” (RUSSELL E ALEXANDER, 2019,p.13). Portanto, esse suposto sinal era mais um indício que a mulher era uma bruxa. Por essa razão, os inquisidores em seu métodos¹¹ despiam as mulheres em busca da marca, vasculhando cada área de seu corpo com violência e sem pudor.

A exposição do corpo da mulher-bruxa no período inquisitório foi uma grande violação aos Direitos Humanos¹², por meio dessa inserção sucessiva de eventos

¹⁰ Rituais de sexo e luxúria, os sabás eram tidos como odes a Satã, festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo.(ZORDAN,2005,p.334)

¹¹ Despia os suspeitos em busca de marcas de bruxas e usava a fome, a privação de sono, o banho e outras provas e tormentos. As confissões extraídas mostram ter Hopkins aceitado a tradição europeia: as bruxas eram membros de uma seita que prestava culto ao Diabo; reuniam-se à noite; tinham cerimônias de iniciação e relações sexuais com o Diabo, a quem ofereciam sacrifícios. Hopkins tampouco negligenciou a tradição inglesa: as suas bruxas mantinham familiares na forma de cães, gatos, ratos, toupeiras e esquilos, com nomes como Prick-ears, Flo e Bess. Hopkins e seu assistente juraram em tribunal ter visto com seus próprios olhos tais diabretes.(RUSSELL E ALEXANDER, 2019,p.123).

¹² Essa visão de Direitos Humanos é uma ideia mais contemporânea, onde naquela época não era disseminado e desenvolvido, mas hoje em minha perspectiva eu analiso assim essa questão, na qual houve a violação à mulher e ao seu corpo.

com o gênero feminino. Somente pelo fato da profanação do corpo como instrumento de sedução e para orgia com o diabo. O homem causou danos irreparáveis sobre a imagem da mulher, onde o estigma negativo foi algo que perpassou por muito tempo na sociedade sexista que a mulher não teria autonomia de seu próprio corpo e ações.

Convém pensarmos a questão do corpo e a prática sexual da mulher subjugada como má e mulher-bruxa. A relação com o sexo se atribuía às orgias que a igreja mencionava que ocorriam nos rituais ou sabbats que as bruxas faziam nas florestas em forma de firmar um pacto com o senhor das trevas. Para Gevehr e De Souza “as mulheres, *naturalmente viscosas e úmidas*, davam livre curso a uma imaginação de que o diabo se apoderava” (GEVEHR E DE SOUZA, 2016, p.118). Essa justificativa estava muito atrelada à questão da fraqueza carnal¹³ e inferioridade que a mulher era, o caminho carnal do prazer, a copulação com Satã seria o meio para conseguir esses “supostos” seguidores contra a ideologia cristã.

A mulher foi vista como objeto que o diabo usaria para atingir a igreja, com isso a cristianização precisou extinguir o mal, o feminino, para que não rompesse as estruturas e o poder da fé católica, seduzindo e persuadindo a todos que fossem fracos através de desejos, do delito carnal e manipulação da mente (Gevehr e Souza, 2016). Seu corpo foi posto como uma arma para o diabo na perspectiva cristã, visto que a mulher, com suas impurezas, seus defeitos e sendo pecadora, traria grandes males para a igreja e para os cristãos. Dessa forma, “A caça às bruxas tornou-se uma gigantesca guerra do poder masculino contra as mulheres e contra as últimas formas de matriarcado, demonstrando um profundo sentimento misógino (PAIVA, 2015, p.13). Assim, a mulher foi estereotipada e disseminada “aos quatro ventos”, sendo caçada, queimada e enforcada por uma ideologia religiosa fundada pelo princípio de que o feminino iria corromper a fé cristã.

Desse modo, avançamos a compreender a partir de categorizar o sexo como um superior ao outro e reduzindo a mulher como inferior e menos que o homem, o

¹³ Mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela curvatura, ou seja uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E, como em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona e mente (KRAMER; SPRENGER, 2021,p.158).

que foi uma forma sexista de estipular o que o feminino devia ser ou não ser, de acordo com os padrões que o homem designou.

2.4 O sexismo: a ideologia de rebaixar o ser feminino

Quando pensamos nas formas e meios de discriminação e preconceito que as mulheres sofreram, são imensuráveis ao longo da história, por simplesmente serem do gênero feminino. A cultura, de certo modo, foi estruturada e constituída com base no domínio masculino e suas relações de poder na sociedade, trazendo a hierarquização do sexo, a patriarcalização e a inferiorização da mulher se apoiando em aspectos biológicos, comportamentais e psíquicos que validavam a subjugação que o homem atribuía a ela.

Desse modo, o gênero feminino foi constituído no tecido social como um ser menor do que o masculino e por isso estaria sujeito a meios de dominação. Segundo Cabral e Diaz: "gênero refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais" (CABRAL E DÍAZ,1998,p.1). O pensamento sexista é fundado na perspectiva de que o sexo masculino é superior e mais forte que o feminino, a partir desse estereótipo de gênero foi originando opressão e desigualdade sobre a mulher. Então, o homem se apropriou da negatividade de "fêmea" para atribuir efeitos estigmatizantes ao gênero feminino e identificá-lo como o "outro", um ser inferior e incapaz (BEAUVOIR,1970).

Isso está atrelado muito ao patriarcalismo estrutural da sociedade e aos dogmas da igreja desde séculos. Com base nesse fato, o patriarcado estabelecia e submetia a mulher a obedecer a figura masculina, nessa relação de dominar e obedecer onde consistia uma cultura machista presente no cenário estrutural e ideológico em nosso núcleo religioso, político, social e familiar. Uma sociedade em que as mulheres desempenhavam um papel submisso, passiva de suas ações e de seu corpo.

A igreja desempenhou um poder muito significativo, usou o bíblico como meio de exercer poder sobre tudo e todos, principalmente sobre a mulher. A bíblia serviu como um manual escrito para guiar as mulheres como deveriam se comportar, de acordo com os desejos e objetivos da igreja. Nesse sentido, a maior preocupação do

cristianismo por muitos séculos foi controlar o feminino pelo sexo e por toda carga negativa que sobrecaiu em seu gênero. Portanto, segundo Segura:

La iglesia contribuyó a aumentar la violencia que la sociedad ejercía sobre las mujeres a través de unas leyes eminentemente patriarcales, que sometían a las mujeres a los hombres de su familia, en la que debían tener unos comportamientos muy bien definidos, de atención a todo lo doméstico y de obediencia. (SEGURA,2008,p.33).

Sendo assim, o poder eclesiástico dominante e masculino em uma sociedade misógina na qual a mulher estava inserida, as disparidades dos direitos sobre o sexo feminino foram enormes e influenciou na conjuntura do “ser mulher” afetando consideravelmente a vida e seu corpo, sendo transfigurada e adestrada ao molde do interesse alheio.

Então, o ser feminino em uma sociedade machista traz uma questão bastante interessante de ser mencionada que é o “*complexo de inferioridade*” que a escritora e filósofa Simone de Beauvoir enfatiza em seu livro *O Segundo Sexo - Mitos e Fatos*.

Beauvoir (1970) discute um fato irrefutável, é que o homem sofre de um complexo de inferioridade. Assumindo a partir dessa suposição, apresenta a insegurança sobre as ações e masculinidade em vista do medo de se opor ao gênero feminino, porque elas exalam poder, liderança instintiva e astúcia nas posições às quais teriam oportunidade de liderar caso não existisse o machismo.

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seus semelhantes mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante. (Beauvoir, 1970, p.19).

Isso significa dizer que o homem se sente intimidado com a presença da mulher, não reconhecer como igual, equivalente entre os sexos e o amedrontamento de submeter-se ao poder feminino. Ou seja, a mulher busca apenas igualdade de gênero, pois não querem roubar o suposto “lugar” da figura masculina. Quando esse “outro” ameaça a posição de poder, seja ele no âmbito familiar, social, político ou religioso, o homem tenta neutralizar esse sujeito para não interferir em seu meio e interesses. Para isso, foi necessário estereotipar a imagem do feminino e impor ao gênero a soberania do masculino nas esferas de poder, para que não ocorresse a inversão de papéis onde a mulher dominasse e o homem sofresse a opressão. Scott

ênfatiza que “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995, p.88).

Portanto, o sexismo exerceu uma tomada de decisão no modelo feminino em definir como se comportar, pensar e falar no tecido social. A hierarquização de categorizar o gênero como superior um ao outro traz um sistema misógino naturalizado historicamente na sociedade por gerações, dessa rede de desigualdade que tanto segregou a mulher, transfigurando corporalmente e imagneticamente sua identidade. Podemos afirmar que nunca teve equidade de gênero, as mulheres foram rebaixadas e postas como inferiores pela massa masculina, seus lugares foram quase inexistentes na sociedade, a não ser em lugares secundários como o doméstico, a esposa, a maternidade, funções que beneficiam os homens e não as mulheres essencialmente.

3- Uma perseguição misógina na Espanha\América contra as bruxas

3.1 A caça aos Judeus

A Inquisição¹⁴ foi uma calamidade maciça sobre as mulheres e os judeus¹⁵ tão real quanto a peste negra e as doenças contagiosas, que estavam intimamente relacionadas às questões religiosas e de poder sobre os cristãos convertidos sob controle eclesiástico na Espanha. Esse fenômeno criado nesse contexto em que o poder estava nas mãos do rei¹⁶ e com apoio da igreja, foi um meio de impor e dominar o povo com o catolicismo muito acentuado na época medieval. Sendo

¹⁴ A Inquisição, movimento religioso que se iniciou no século XIII na Idade Média e perpassou a Idade Moderna chegando ao fim no século XVIII. Cada país, seja europeu ou americano, teve seu momento específico de Inquisição.

¹⁵ Iniciaremos falando sobre os judeus e a alguns acontecimentos que aconteceram com esse povo séculos atrás porque a família de Rojas descende desse núcleo, que foi perseguido. Isso pode ter afetado consideravelmente o escritor Fernando de Rojas, pois sua família vem de judeus convertidos que foram perseguidos pela Inquisição por gerações na Espanha. A caça aos judeus se assemelha à perseguição das bruxas pelos religiosos católicos e isso pode ter tido influência na escritura do livro *La Celestina*.

¹⁶ Os reis castelhanos e aragoneses recebem os judeus com interesse na sua utilidade neste processo: são administradores, cobradores de impostos e alguns deles são financistas que custeiam as campanhas e recebem ora terras, ora direitos de taxaçoão ou de outro tipo para serem ressarcidos de seu investimento. (FELDMAN, 2014, p.182).

assim, todos aqueles que se opuseram à fé católica eram considerados hereges¹⁷ e necessitavam ser punidos pela jurisdição papal.

Primeiramente, quem sofreu com a Inquisição foram os judeus que viviam na sociedade espanhola, um grupo étnico religioso judaico que cresceu e prosperou por muito tempo no território espanhol fazendo parte da economia e do cotidiano. Porém, as coisas mudaram drasticamente pelos governantes espanhóis e a hegemonia clerical, em 1391¹⁸ o clima de hostilidade massiva contra os judeus era tremendo para que eles se convertessem ao catolicismo (ROWLAND, 2010). A partir disso, a situação do povo judaico cada vez mais se acirrava com esse dogma imposto e foram inevitáveis conflitos internos entre as religiões.

Essa opressão foi muito difícil para os novos-cristãos conversos de conviver em um ambiente em que eram obrigados a seguir uma doutrina que não era a sua. Muitos desses conversos continuavam com a fé judaica às escondidas, pois se fossem pegos cultuando sua crença em Moisés ou eram exilados ou mortos como muitos foram. “A situação dos judeus convertidos e dos seus descendentes era completamente distinta da daqueles que permaneceram na antiga fé. Todos os que tivessem sido batizados como católicos encontravam-se sob a jurisdição da Inquisição (ROWAND, 2010,p.174). Aqueles que permaneceram cultuando a fé judaica ficaram à margem da sociedade sofrendo as consequências de tal ato de não seguir as leis do catolicismo, e os demais submetidos às leis cristãs, se renunciassem a esta fé, o poder inquisitório qualificava isso como heresia e abandono de crença.

Ao passar dos anos a situação dos judeus na Espanha só piorava, criando uma atmosfera de hostilidade e pressão social sobre os convertidos e descendentes como aqueles que não aceitavam a conversão. Segundo Feldman;

A paranóia antijudaica que grassou nos reinos cristãos ibéricos, logo após 1391, motivou a criação de um imaginário coletivo, bastante difundido em certos meios, de que se tratava de uma manobra de infiltração dos judeus na Cristandade para destruir por dentro a verdadeira fé. (FELDMAN, 2014, p.191).

Nesse sentido, apesar de estarem em território espanhol e terem sido convertidos em “católicos”, a desconfiança e medo por parte da igreja foi bastante

¹⁷Etimologicamente, a palavra heresia significa escolher, optar. Ao longo do período em que a Igreja exerceu sua dominação, a palavra adquiriu outro sentido, tudo que contrariava o pensamento eclesiástico era considerado herético.(PITON, 2010, p.162).

¹⁸Em Sevilha, no ano de 1391, cerca de 4.000 judeus foram mortos nas ruas.(PITON, 2010,p.172).

grande e paranoica. No imaginário do clero os convertidos possuíam dupla identidade: uma que mantinham às escondidas com suas celebrações judaicas, cultuando a lei de Moisés e outra que mostrava para a sociedade em público, dissimulando e fingindo a adoração ao catolicismo (Feldman, 2014).

Sendo assim, o poder da igreja consegue manipular a massa cristã para perseguir os convertidos de todos os modos possíveis, tendo grande poder de persuasão com os reis católicos que iam surgindo ao longo do tempo, mantendo em ascensão a discriminação e preconceitos com os judeus. Pinton escreve que;

No reinado de Isabel e Fernando, a partir de 1474, a Igreja conseguiu exercer forte influência sobre os reis católicos em relação à perseguição aos conversos. Fato explicado pela necessidade dos monarcas de manter o apoio ao clero e da burguesia cristã para consolidar seu projeto de unificação da Espanha. Para tanto, introduziram uma série de medidas restritivas contra judeus e conversos. Em 1478, Fernando e Isabel negociaram com o Papa Xisto IV o estabelecimento da Inquisição na Espanha. O argumento utilizado era a necessidade de extirpar a heresia judaica e os conversos que a praticavam, acusados de contaminarem a sociedade espanhola. (PITON,2010,p.175).

Essa ação desumana de perseguição sucessiva contra os judeus, por causa dessa miscigenação\mestiçagem que chamaram de “sangue impuro”, vinha junto da acusação por contaminação do sangue espanhol. Consideravelmente, mesmo os novos cristãos possuindo o sangue (mistura) espanhol, a igreja não acreditava que eles aceitassem o catolicismo como religião e continuavam cultuando o judaísmo. “[...] houve tentativas de instituir, com base na noção de “limpeza de sangue”, novas formas de exclusão de conversos e seus descendentes. (DOMÍNGUEZ ORTIZ, 1998 APUD ROWLAND 2010, p.176). Portanto, isso traz um dos motivos para a expulsão dos judeus em 1492, de limpar essa impureza que assolava a sociedade espanhola. Segundo Feldman:

As coroas de Castela e Aragão são unificadas de maneira definitiva na segunda metade do século XV. Os assim denominados Reis Católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, preocupados com a pureza da fé e o criptojudaísmo, instauram a Inquisição reativando o Santo Ofício aragonês e criando a sua versão castelhana na seqüência. A unidade e a uniformidade devem ser consolidadas. Não há espaço para a diversidade religiosa e étnica. Em 1492 após concluir a reconquista de Granada e expulsar o poder político do Islã de toda península Ibérica, os Reis Católicos decretaram a expulsão dos judeus de seus reinos(FELDMAN, 2014,p.198).

Assim, a Inquisição contra o antissemitismo se estendeu por séculos ainda na Espanha, fazendo com que os semitas migrassem para os países vizinhos, como Portugal, e para países que aceitassem o seu povo sem repreender sua fé e seus costumes judaicos. Além disso, a igreja foi decisiva nesse imaginário discriminatório sobre os semitas, e tinha o apoio dos reis nas tomadas de decisões e o Estado como meio para executar as perseguições estabelecidas na Inquisição.

É importante frisar que os judeus não foram os únicos a serem perseguidos na Espanha. Entre a Idade Média e Moderna, muitas pessoas, especialmente mulheres, foram acusadas de bruxaria e práticas sobrenaturais, sendo caçadas pelo poder inquisitório vigente na época.

3.2 A situação das bruxas na Espanha

No contexto da Espanha no final da idade média, entrando para o século XV, período renascentista, a sociedade passava por grandes transformações sociais, políticas, econômicas e principalmente na esfera religiosa em ascensão no poder. O teocentrismo¹⁹ regia quase tudo no medievo e no mundo moderno. Ou seja, tudo que fosse contra essa ideologia se tornaria inimigo e perigo para a igreja, como por exemplo; a menção anterior sobre a perseguição dos judeus e agora o alvo central serão as mulheres acusadas de bruxaria e males. Segundo Muñoz;

[...] la mayoría de procesados por brujería en España fuesen mujeres se debía a varios factores. Entre ellos señalamos el sistema patriarcal y estamental que dictamina y ordena la sociedad de un modo y no consciente a sus miembros apartarse de lo establecido, capitalmente a las mujeres, a las que se considera seres inferiores cuya única función trascendente sería la reproducción.(MUÑOZ,2012,p.18).

Nesse sentido, a inferiorização da mulher independente da região ou país, pois o estigma sobre a mulher-bruxa na Espanha se repete em quase todo lugar, de rotulá-la como inferior, má, serva do demônio. A misoginia do poder estatal e da igreja sobre a mulher se acirrou com o Tribunal do Santo Ofício, a Inquisição, colocando a mulher como bruxa por não aceitar os padrões sociais da época. Segundo PITON:

O comportamento feminino aceitável naquele período era o de uma mulher frígida e submissa, sendo a Virgem Maria a mulher-referência, representando uma mulher paciente, consoladora e passiva. Já o

¹⁹ Essa perspectiva conforme a tradição da Igreja, em que Deus era o centro de tudo, “ditava” a organização do mundo. Visão de um único Deus cristão católico.

oposto desse padrão, a mulher tida como “transgressora”, desobediente, livre do controle masculino, era a feiticeira, que pactuava com o demônio, de quem vinha a sua força, já que a mesma era vista como um ser frágil. (PITON,2010,p.165).

Portanto, tudo que fugia das doutrinas que a igreja católica pregava, o tribunal inquisitório estabelecia como heresia. A mulher que não se casava, a que vivia sozinha, a idosa, a parteira, curandeira e a que não seguia a religião dominante da época se qualificava como herege. Segundo Paiva;

*A bula papal Summis desiderante affectibus*²⁰, promulgada por Inocêncio VIII, em 5 de dezembro de 1484, marcou a data de início daquilo que se tornou um verdadeiro extermínio em massa de mulheres e homens acusados de bruxaria. [...] A caça às bruxas tornou-se uma gigantesca guerra do poder masculino contra as mulheres e contra as últimas formas de matriarcado, demonstrando um profundo sentimento misógino.(PAIVA, 2015, p.12 e 13).

Desse modo, a participação do Estado e do Papado nesta histeria coletiva que se instaurou na massa popular de diversos países e na Espanha, esse medo das bruxas, fez com que elas fossem o inimigo número um da cristandade. Portanto, a bula do papa Inocêncio VIII foi a base para que a Igreja pudesse punir e julgar aqueles que infringiram o poder eclesiástico; sejam os judeus, hereges, bruxas, independente de qualquer categoria, status, posição que exercia na sociedade. O objetivo dos inquisidores era encontrar os sujeitos que cultuavam o demônio e a bruxaria para puni-los e eles tinham total autonomia para aplicar qualquer castigo possível ou meio de tortura para confessarem tal ato anticristão.

Desse modo, percebemos que o papado compactuava com essa loucura e histeria que estava ocorrendo em nome da fé, colocando a mulher como a detentora dos males que estavam acontecendo nos séculos XV, XVI e XVII, com fenômenos

²⁰ ...muitas pessoas de ambos os sexos, a negligenciar a própria salvação e a desgarrarem-se da Fé Católica, entregaram-se a demônios, a Íncubos e a Súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas horríveis, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novilhos, e têm arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores, e mais ainda: têm destruído homens, mulheres, bestas de carga, rebanhos, animais de outras espécies, parreirais, pomares, prados, trigo e muitos outros cereais; estas pessoas miseráveis ainda afligem e atormentam homens e mulheres, animais de carga, rebanhos inteiros e muitos outros animais com dores terríveis e lastimáveis e com doenças atrozes, quer internas, quer externas; e impedem os homens de realizarem o ato sexual e as mulheres de conceberem, de tal forma que os maridos não vêm a conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos; porém, acima de tudo isso, renunciam de forma blasfema à Fé que lhes pertence pelo Sacramento do Batismo, e por instigação do Inimigo da Humanidade não se escusam de cometer e de perpetrar as mais sórdidas abominações e os excessos mais asquerosos para o mortal perigo de suas próprias almas, pelo que ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e de perigo para muitos. (Heinrich KRAMER; Jakob SPRENGER. p.63-64).

estranhos que aconteciam no tecido social, os quais eram classificados como bruxaria. Segundo Alberola;

Las brujas simbolizaban el caos de un mundo que se estaba transformando. Se les atribuían todos los males de la sociedad, como hambrunas, pestes, enfermedad, mortandad infantil y libertinaje sexual. Por esto, suponían un desafío al orden establecido. Hay que tener en cuenta, eso sí, que estas féminas no realizaron los terribles actos que se les imputaban. Muy pocas practicaron la magia.(ALBEROLA,2010, p.76).

Sempre o feminino, a mulher, era quem detinha a culpa, já que era inferior, frágil, sem valor e sem prestígio para a figura masculina. Ainda conforme Alberola, muitas mulheres foram julgadas e queimadas sem nenhum envolvimento em qualquer caso estranho ou prática de feitiçaria ou bruxaria nas cidades em que houvesse casos de histeria.

Essa histeria se espalhou como uma praga no território espanhol, como por exemplo:

En 1500 se descubrió un foco brujeril en la sierra de Amboto y en 1507 la Inquisición condenó a muerte a veintinueve mujeres navarras. Ya se habla también en el norte peninsular, por influencia francesa, de las brujas como adoradoras de Satã”. (ALBEROLA,2010,p.93).

O imaginário da bruxaria rompeu as fronteiras, colocando a mulher como serva dessa entidade do mal e por isso foi necessário o extermínio das bruxas por parte do tribunal inquisitório subjungando e “erradicando” o mal da terra.

O surgimento de novos focos de bruxaria e feitiçaria só aumentava em Navarra, Guipúzcoa, Cataluña, Valencia, entre o período de 1538 a 1595 na Espanha (ALBEROLA,2010). Desse modo, quanto mais os inquisidores radicavam as bruxas destes lugares, o número de bruxas se multiplicava consideravelmente, cada vez mais mulheres e homens foram queimados, enforcados, decapitados e torturados pela Inquisição e pelo Estado nesse genocídio na idade moderna.

Um caso muito famoso de perseguição e julgamento de bruxaria na Espanha no século XVI ocorreu na vila Zugarramurdi, situada na região do país Basco. Uma moradora chamada Maria diz que presenciou uma caça às bruxas, se colocou também como uma bruxa e confessou que várias pessoas da vila compactuam com a bruxaria, citando nomes ²¹de seus vizinhos (ALBEROLA,2010). Com isso, os

²¹ No se detiene ahí y da nombres concretos de algunas vecinas que, según ella, son brujas: Jureteguía, Estevanía, Navarcorena, Juana de Telechea... Comienzan la obsesión, las sospechas, los celos. (ALBEROLA,2010,p.94).

rumores se espalharam por toda parte, chegando aos ouvidos do Tribunal²² de Inquisição Logronho e o Estado.

Sendo assim, estes dois poderes abriram um processo investigativo para apurar os fatos sobre as bruxas locais. O clero e o próprio povo começaram a procurar as bruxas em sua vizinhança, devido ao pânico instalado na comunidade.(OYARZABAL,2020). Ademais, as acusações foram diversas para as mulheres e homens acusados. Segundo Oyarzabal :

se referiam a vários delitos, tais como: adorar o diabo em lugar de Deus, realizar celebrações negras com sangue, praticar metamorfoses de humanos em animais para não serem reconhecidas. Acreditavam que as plantações eram destruídas e os navios afundados com as tempestades provocadas pelo poder de praticar o mal. (OYARZABAL,2020,p.108).

Para isso, o Tribunal Inquisitório precisava de provas dessas práticas para começar o julgamento e aplicação das sentenças nas bruxas que foram pegas em Zugarramurdi. Em 7 e 8 de novembro de 1610, milhares de pessoas de diversas partes do país Basco foram assistir ao julgamento das bruxas, onde os inquisidores utilizaram o chamado Auto de fé, que tinha o intuito de dar fim a bruxaria, ou seja, para aquelas que confessassem ser bruxas, suas sentenças eram reduzidas com penas menores, já para as bruxas que seguissem firmes alegando não serem bruxas, teriam torturas ou a morte como opção. (OYARZABAL,2020). Depois desse julgamento, o Santo Ofício estava mais ativo em várias regiões, aplicando processos em muitas mulheres inocentes nesse ato de violência e abuso de autoridade.

Já no século XVII, segundo Alberola (2010), o Tribunal de Inquisição foi com mais frequência em Zaragoza e Barcelona. No território aragonês, na primeira metade do século, 64 pessoas foram processadas por bruxaria, tendo sido mais homens que mulheres acusados. Devemos salientar que essa histeria coletiva que ocorreu na Espanha trouxe danos irreversíveis para todos que foram condenados por bruxaria, já que passaram por tortura psicológica, física, moral e pena de morte, ato esse que jamais poderá ser reparado pelo Igreja e o Estado.

A caça às bruxas foi real, uma perseguição massiva e discriminatória que as mulheres sofreram ao longo dos séculos, colocando especialmente o feminino sempre como alvo e perigo na sociedade. As histórias dessas mulheres não podem

²² [...]responsável pela apuração através dos serviços de três inquisidores: Juan del Valle Alvarado, Alonso de Becerra Holguín e Alonso Salazar Frías. (OYARZABAL,2020,p.107).

ser apagadas e muito menos tratadas como ceticismo, já que de fato ocorreu neste território e o manchou de sangue, lutas, revoltas e massacres.

3.3 - A transição: da caça às bruxas na velha Inglaterra para as colônias americanas

A perseguição ocorreu em diversos lugares da Europa, incluindo a Alemanha, França, Escócia, Itália, Espanha, Inglaterra e Países Baixos entre os séculos XV e XVII (em alguns lugares este período se estendeu ainda mais), em que a sociedade era regida por grande influência de crenças em Deus e em demônios. Por conseguinte, as colônias que ficavam mais afastadas da pátria-mãe sofriam grandes tensões de fome, doenças como a peste negra e varíola²³. Segundo Russell e Alexander;

O primeiro estatuto contra a bruxaria na Inglaterra foi promulgado pelo Parlamento em 1542, quase no fim do reinado de Henrique VIII, mas não tardou muito em ser revogado, em 1547. Um novo estatuto foi aprovado no reinado de Elizabeth I, em 1563, determinando pena de morte para bruxas, mágicos e feiticeiros. Esses indivíduos deveriam ser processados de acordo com o direito civil, não o eclesiástico, e por essa razão as bruxas na Inglaterra eram enforcadas em vez de queimadas, como ocorria no continente.(RUSSELL e ALEXANDER,2019, p.118).

Sendo assim, a idade moderna traz a bruxaria como crime para as entidades cristãs e também foi uma preocupação para o reinado de Elizabeth I de forma moderada nos primeiros casos²⁴ que julgaram como bruxaria. Mas, “Quando Jaime VI, então rei da Escócia, subiu ao trono da Inglaterra, em 1603, depois da morte de Elizabeth I, tornando-se Jaime I, surgia aparentemente mais uma oportunidade para o confronto entre a credulidade e o ceticismo [...] .(GONÇALVES, 2012 p.51). Logo, a situação se agrava para a bruxaria no país, pois no final do século XV, James I já tinha publicado o tratado de demonologia, na qual tinha a ideia da bruxaria como atividade através do pacto entre o indivíduo e o demônio. Desse modo, essa prática se configurou em um crime civil. (GONÇALVES, 2012).

²³ . A peste, a fome e a guerra eram endêmicas na Idade Média e no começo da Era Moderna. Todos os períodos da história humana sofreram perturbações, mas nem todos produziram uma caça às bruxas. (RUSSELL E ALEXANDER, 2019,p.93).

²⁴ Casos políticos de grande repercussão, como o da duquesa de Gloucester, acusada em 1441 de tramar a morte de Henrique VI por bruxaria, favoreceram o recrudescimento dessa falsa crença, mas, durante a Idade Média, as Ilhas Britânicas estiveram quase livres dos conceitos de bruxaria e de culto ao diabo. (RUSSEL E ALEXANDER,2019, p.115).

Portanto, vale salientar que a bruxaria inglesa foi mais próxima da feitiçaria do que da heresia de outros países, apesar de que a bruxaria carregava o peso negativo maior do que feitiçaria, em que a bruxa criava maldições para as vítimas, pragas para plantações, usava bebês mortos em suas orgias canibalistas, entre outras práticas. (RUSSELL E ALEXANDER 2019). Assim, ao passar do tempo, o surgimento de casos foram aumentando na Inglaterra e se espalhando para as “colônias puritanas”.

As colônias inglesas da América do Norte eram culturalmente atrasadas em relação à pátria-mãe. A bruxaria tornara-se um problema sério na Inglaterra na década de 1560, mas só a partir da década de 1640 a Nova Inglaterra foi palco de perseguições. (RUSSELL E ALEXANDER, 2019, p.130).

Em consonância com os autores, o julgamento e a punição para a maioria das bruxas foram por enforcamento baseando-se em crimes cívicos²⁵ e não por heresia, como vemos em outros lugares como, por exemplo, na Espanha e Alemanha, onde as mulheres foram queimadas sem ao menos terem o direito de se defender. Nesse sentido, a prática de enforçar foi um meio mais eficaz e perverso para punir as bruxas diante do povo, demonstrando o poder e a lei que o Estado tinha sobre os cidadãos ingleses. [...] O primeiro enforcamento de bruxa nas colônias inglesas ocorreu em Connecticut, em 1647; certo número de outros casos foi levado ao tribunal nas décadas de 1640 a 1680 [...] (RUSSELL E ALEXANDER, 2019, p.130).

Com isso, o amedrontamento dos norte-americanos em serem apontados como bruxas e julgados por algo que não eram, trouxe uma histeria coletiva e pavor dos puritanos²⁶. Ou seja, “A perseguição às bruxas, é, indubitavelmente, uma liturgia pública do medo”. (MELO, 2020, p.283). Esse medo martirizava as pessoas e a vida se tornou um caos para todos, em que tudo que fosse “anormal” para o poder local se estabelecia como influência da bruxaria.

Segundo Costa: “A bruxa devia ser controlada, castigada, presa, executada”. (2016, p.17). Porém, para chegar a todas essas ações que Costa menciona, por exemplo, nas colônias americanas eram necessárias provas verídicas, testemunhas que comprovassem que tal pessoa acusada de bruxaria realmente fosse uma bruxa.

²⁵ Seu crime era atentar contra o bem-estar, a propriedade e a autoridade de um indivíduo ou uma comunidade. (GONÇALVES, 2012, p.52).

²⁶ Os puritanos, principalmente os guias religiosos, aterrorizavam-se com a ideia do diabo reunindo uma legião de pessoas como se organizasse um exército para destruir a fé. (COSTA, 2016, p.26).

Apesar das leis severas que o Estado tinha contra as bruxas em cada local da corte, o Tribunal local agia com cautela para executar as sentenças ocasionadas pela bruxaria. (Gonçalves,2012). Dessa forma, na Inglaterra o crime de bruxaria muitas vezes era denunciado pela própria comunidade, por meio de confissões e geralmente o acusado era obrigado a falar quem eram seus cúmplices (Melo, 2020). Por isso, a justiça não agia de imediato colocando-as na forca, primeiramente abria um processo criminal para apurar os fatos e ter a comprovação que o acusador estava falando a verdade (o que é muito questionável, claro).

Sendo assim, a bruxa se torna o bode expiatório ideal para o corpo social que buscava assiduamente os culpados para os seus infortúnios que aconteciam, sejam eles reais ou inventados. O feminino foi considerado comparsa de Satã, trazendo os males vivenciados pelos puritanos²⁷ em suas comunidades (Melo,2020). Desse modo, tanto a bruxaria e a feitiçaria vão ser práticas negativas com o passar das décadas na idade moderna, e a mulher-bruxa, sendo sábia ou detendo conhecimento de curandeirismos²⁸, plantas medicinais, confecção de amuletos ou talismãs de proteção, serão condenadas pela prática de bruxaria.

Ademais, outro pensamento que instaurou nas colônias americanas foi de que as bruxas compareciam a uma sociedade secreta, de reuniões para cultuar ao diabo. De acordo com Russell e Alexander:

As bruxas frequentavam uma sociedade secreta onde o Diabo comparecia como um homem negro e as batizava em seu nome. Repartiam um pão de comunhão negro e repugnante; davam guarida a demônios em forma de animais e os amamentavam com sangue por meio de seus mamilos de bruxas; realizavam maleficia contra seus inimigos, causando doenças, deslocando objetos sobrenaturalmente.(RUSSELL E ALEXANDER,2019, p.131).

Essa imagética não era só na América, onde o estereótipo das "cerimônias" que as bruxas faziam na presença do diabo, seja ela verdadeira ou não, foi um pensamento perpetuado no meio social entre as pessoas. Essa reunião para os autores Sprenger e Heinrich, que no caso é o Sabá, ocorria na Missa Negra na noite de sexta-feira, celebrações e festas até o amanhecer. "Era uma réplica sombria da

²⁷ Os chamados puritanos eram protestantes ingleses que demandavam uma reforma na igreja Anglicana, a fim de purificar-se dos atos "católicos" que estavam sendo então praticados. (SOARES,2019,p.14).

²⁸ Parteiras e curandeiras poderiam ser acusadas principalmente porque ofereciam medicamentos que poderiam causar efeitos adversos. Dependendo do momento e da situação poderiam ser acusadas devido a problemas com natimortos ou doenças que não se curavam [...](COSTA,2016,p.25).

santa missa. Nela, o diabo seria explicitamente adorado como Cristo.” (KRAMER E SPRENGER, p.55). Por que o ritual supostamente feito pelas bruxas era algo que incomodava a legião cristã? Seria mesmo porque acreditavam que as bruxas colocavam o Diabo “em pé de igualdade” com a figura do Cristo?

Podemos refletir estas questões por meio da instauração do medo das bruxas, alegando que elas poderiam trazer mais seguidores para os cultos e devotos ao diabo. Quanto mais seguidores se tinha ao seu lado naquela época, era sinônimo de poder e por essa razão as bruxas precisavam ser radicadas freneticamente, afinal, representavam uma ameaça ao poder clerical. Essa perspectiva poderia ser uma hipótese de tal noção na época de histeria a caça às bruxas. A outra hipótese, que na verdade pode se aliar a esta primeira, tem a ver com a crença que as bruxas adoravam o diabo no lugar de Cristo. Essa equivalência para a sociedade é algo inaceitável na época e acaba funcionando como motor para que o povo, de modo geral, permanecesse como massa de manobra e contribuísse no movimento de limpeza da região do poder demoníaco.

Neste contexto, não poderíamos deixar de falar da perseguição das bruxas na cidade de Salem, em Massachusetts. Evento esse que marcou a história americana por executar várias mulheres acusadas de bruxaria em 1692.

3.4 - O grande julgamento das bruxas de Salem

Assim como na Europa, a colonização na Nova Inglaterra ainda vinha passando por grandes transformações sociais, econômicas, religiosas e territoriais entre os séculos XVI e XVII. Devido a escala de densidade demográfica que a Inglaterra atingiu em um rápido crescimento, foi necessário mandar a grande maioria da população para as novas terras conquistadas. Desse modo, as novas colônias serão o lugar que as autoridades inglesas vão enviar para estas novas terras os indesejados como; pobres, mendigos, mulheres, órfãos e os muitos peregrinos²⁹ que sofriam por perseguição religiosa (KARNAL,2007).

Por conseguinte, as colônias estabelecidas no Estado de Massachusetts serão povoadas pela massa popular e também pelos peregrinos de diversas partes

²⁹ Os peregrinos, também chamados de separatistas, eram puritanos que abandonaram suas paróquias locais e formaram suas próprias congregações, uma vez que a igreja Anglicana estaria sendo corrupta, não correspondendo assim aos ideais da fé e aos padrões de religiosidade desejados. (SOARES,2019,p.14).

da Inglaterra e da Europa. Portanto, surge Salem, região essa que ficou marcada pelo grande julgamento e caça às bruxas da idade moderna. Karnal menciona a questão do início da perseguição das bruxas :

[...]um surto de feitiçaria como o de Salem, em 1692, assumia proporções inéditas. Nesse ano, um grupo de adolescentes acusou várias pessoas de enfeitiçá-las. O processo acabou envolvendo muitos membros da comunidade, entre homens e mulheres.(KARNAL,2007,p.51).

O episódio que aconteceu em Salem no final do século XVII trouxe a histeria para a comunidade puritana, devido que estava ocorrendo situações estranhas com a população local de Salem. Primeiramente, a suspeita de bruxaria iniciaram com duas meninas, uma de 9 anos, filha do pastor Samuel Parris e outra de 11 anos, quando elas faziam experiências de adivinhar o futuro brincando de magia. Mas ao passar do tempo começaram a acontecer fenômenos estranhos com as garotas com sintomas; convulsões, paralisias, frases sem nexos, voz grossa que elas apresentavam e que o médico não encontrava solução para a doença, devido a isso, ele pressupõe que poderia ser por um feitiço³⁰ de bruxa. (RUSSELL E ALEXANDER, 2019).

Ademais, os mesmos sintomas foram evidenciados em diversas garotas na cidade de Salem. Com isso, foi preciso averiguar a raiz do problema instaurando-se um interrogatório com as vítimas para descobrir de onde vinham os malefícios. Desse modo, sob pressão da igreja e das pessoas envolvidas, as meninas acusaram três mulheres: Sarah Good, uma mendiga, Sarah Osborne, uma idosa e a escrava Tituba, vinda das Índias Ocidentais.(RUSSELL E ALEXANDER, 2019).

A partir disso, o governador William Phips instaurou o julgamento das pessoas acusadas de bruxaria em Salem, foram bastantes pessoas presas e várias mortas. As primeiras acusadas como Good e Osborne negaram fielmente que não eram bruxas, já Tituba afirmou que sim, era uma bruxa e pactuava com o demônio.(RUSSELL E ALEXANDER, 2019). Houve vários enforcamentos como sentença para as bruxas nesse período:

O primeiro enforcamento ocorreu em 10 de junho de 1692. Mais cinco bruxas foram assim executadas em 19 de julho, incluindo Sarah Goode, e outras seis em 5 de agosto. Na ocasião da execução de

³⁰ Alterações de estados de consciência também eram associados à bruxa, que era culpada de causar transe e convulsões nas suas vítimas. Acreditava-se que ela podia comandar um espírito que possuísse o corpo de uma pessoa.(COSTA,2016, p.26).

George Burroughs, quando ele abalou a confiança dos circunstantes recitando o Pai Nosso com grande fervor e perfeição, Cotton Mather, em vez de tentar suspender a sentença, subiu ao patíbulo para pronunciar um enérgico discurso de improviso e exigir o prosseguimento da punição.(RUSSEL E ALEXANDER,2019, p.132).

Vale salientar que foram dezenove pessoas, incluindo homens, mas a maioria foram mulheres, mortas por bruxaria no julgamento, e diversas pessoas encarceradas em Salem. Por intermédio do poder eclesiástico local, a caça às bruxas em Salem se intensificou consideravelmente porque “Toda cidade foi envolvida num frenesi histórico, e o terror do diabo os levou a condenar quase duzentas pessoas, incluindo familiar influentes e membros do clero”.(COSTA,2016,p.29).

Sendo assim, as pessoas acusadas de bruxaria, a maioria se intitulava como bruxas para que o Tribunal não as sentenciasse à morte como punição pelos seus delitos contra a comunidade e pessoas. Com a confissão diante do julgamento, as mulheres garantiam a vida principalmente naquele momento, como último recurso à sobrevivência (RUSSELL E ALEXANDER,2019). Portanto, essa colônia ficou marcada pelo massacre massivo e misógino na era moderna contra as mulheres acusadas de bruxas, concretizando a perversidade da Igreja-Estado em solo norte-americano.

Assim, a partir do percurso até aqui, sobre as questões do feminino, da mulher, do corpo, do sexismo e das questões históricas que envolvem a bruxaria na sociedade moderna, vamos pensar sobre a personagem Tituba da obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, que nos apresenta uma bruxa negra como foco principal, a busca de sua liberdade e autonomia em fins do século XVI.

4-Tituba uma bruxa negra na era moderna

4.1. Resumo da Obra

A magnífica obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé³¹, uma das maiores escritoras, negra, feminista e ativista da atualidade, nos brinda na reconstrução da história dessa mulher negra a partir de sua perspectiva. Ademais, Condé dá voz e visibilidade a Tituba, acusada de bruxaria no julgamento em Salem em 1692 em Massachusetts.

Condé narra em primeira pessoa, unindo a história e a ficção para contar o ocorrido a partir do ponto de vista da protagonista Tituba. Dessa forma, a escritora desenvolve uma trajetória de ancestralidade e colonização na América do Norte, trazendo um pouco como foi a luta e resistência do povo negro.

A história está focada na vida de Tituba, mulher negra nascida em terras britânicas, especificamente em Barbados. O enredo começa com o estupro de sua mãe, Abena, acontecimento esse que marcou a infância de Tituba, visto que sua mãe a rejeitou por muito tempo. O seu padrasto Yao supriu essa rejeição e conseguiu restabelecer a afetividade entre mãe e filha.

Entretanto, essa relação foi interrompida novamente, mais uma vez Abena sofreu uma tentativa de estupro por Darnell, dono da plantação em que vivia, ela reagiu à agressão - mal sabia ela que tal reação a levaria à força imediatamente. A pequena Tituba, com 7 anos, presenciou a morte de sua mãe. Em seguida seu padrasto foi vendido para outro dono, mas no caminho ele próprio se mata.

Expulsa da plantação e órfã, Tituba é acolhida por Man Yaya, que se torna sua mentora ou quase mãe. Ensinou tudo sobre animais, flora e fauna e o mundo

³¹ Maryse Condé é uma escritora negra guadalupense, nascida em uma república francesa no Caribe em 1937. Feminista e ativista, a autora é conhecida por seus trabalhos difusores da história e da cultura africana. Brilhante, Condé destaca-se pela sua rica produtividade e versatilidade como escritora, consagrando autoria de mais de vinte livros, entre contos, romances, ensaios, poemas, dentre outros gêneros. Doutora em Literatura Comparada pela Sorbonne em Paris, além de seus livros, Condé teve uma distinta carreira acadêmica e profissional. Em 1985, a autora guadalupense ganhou uma bolsa *Fullbright* para lecionar nos Estados Unidos, como professora na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Encerrou suas atividades na instituição em 2004 como professora emérita de francês. Resultado de seus trabalhos, em 2018, Condé recebeu o prêmio *The New Academy Prize in Literature*, premiação criada como forma alternativa ao Prêmio Nobel. Com um currículo exemplar e digna de todo o reconhecimento, as obras de Condé exploram temáticas raciais, de gênero e de fatores culturais. Seus trabalhos são centralizados na diáspora dos povos africanos, em especial no Caribe. (MORAES,2022,p.20).

dos Mortos (os Invisíveis). A sabedoria adquirida com sua mestra ao passar dos anos foi imensa, e em certo momento ela morre, com a lei da natureza, a velhice.

Quando Tituba tinha catorze anos, bem experiente em manipulação das medicinas, começou a ajudar os escravizados nas plantações e em uma dessas visitas, ela conhece John Indien, escravo que trabalhava para Susanna. A partir daqui, a vida de Tituba se torna um martírio, um verdadeiro sofrimento. Até abdicou de sua liberdade para ir com o escravizado. Portanto, enfrentou intolerância religiosa, tornou-se serva de Susanna e inclusive ela deixou ser vendida junto com John ao pastor Samuel Parris que estava a caminho de Boston para não se separar de seu amor. Fora de sua terra natal, servindo a família Parris, Tituba descobre que estava grávida e resolve abortar a criança. Samuel recebe uma proposta de emprego e aceita na aldeia de Salem, lugar esse onde a escrava foi acusada de bruxaria e pacto com o diabo por duas meninas: Betsey Parris e Abigail Williams. como também, várias outras mulheres na localidade.

Tituba, Sarah Good e Sarah Osborne foram presas à espera do julgamento. Por conseguinte, Tituba conhece Hester, mulher acusada de adultério em uma cela, que se torna amiga e apoiadora em construir seu discurso para o tribunal. Ocorreu como planejado, ela se livra da morte, mas não de ser vendida novamente para um judeu chamado Benjamin, para pagar sua estadia na prisão. Enclausurada ao judeu, escrava e amante, em uma estreita relação entre dois perseguidos. Tudo muda quando os puritanos descobrem que o judeu abriga uma bruxa de Salem em sua casa e ateiam fogos enquanto dormiam, matando os filhos do judeu. Cheio de remorso, Benjamin dá a liberdade de Tituba - alforria - e ela volta para Barbados de navio.

Ao chegar em Barbados, Tituba é recepcionada pelos invisíveis Abena, Yao e Man Yaya. Ademais, ela passa um tempo no campo de refugiados, onde teve um caso com o líder Christopher e logo depois fica grávida. Logo retorna a sua antiga casa, reconstituindo suas raízes e o contato com os escravizados. Neste meio tempo, os escravizados trazem um escravo Iphigene para curar os ferimentos dos açoites das “Casas Grandes”. Depois de sua melhora, resolve se vingar com seu grupo das “Casas Grandes”, porém são traídos e Tituba, por estar no meio da situação, foi levada à forca com os demais escravizados.

Portanto, seu final foi trágico e libertador, no sentido que no mundo que a mulher negra estava inserida, em contexto cruel de servidão, maus tratos e

sofrimento, a liberdade vinda pela morte trouxe a Tituba a possibilidade de ser realmente livre. A vida da personagem, enquanto viva estivesse, era presa em campo de impossibilidades para ser o que ela era, mulher, bruxa e negra, e a morte rompe toda e qualquer barreira - pois ela agora poderia andar livremente entre os dois mundos, ajudando seus semelhantes com sua sabedoria e buscando sua sucessora para passar seus dons e conhecimento, assim ela encontrou a menina Samantha.

Dessa maneira, vamos explorar questões dentro da obra de Condé, na qual a mulher negra sofreu bastante em sua trajetória de vida, desde estupro, aborto servidão e outros temas para problematizar. Afinal, ser negra em um mundo patriarcal, sexista e racista não era muito favorável a uma vida digna.

4.2- A mulher negra

A violência de gênero foi expressiva com todas as mulheres, isso já sabemos. Mas com a mulher negra é ainda pior desde os primórdios da escravidão no mundo. A mulher negra se torna um instrumento de trabalho, sexo e mercadoria para os colonos e donos de escravos. Segundo Fernandes; “[...]negras e negros, bem como mulheres de todas as cores e outros grupos minoritários são destinados às funções mais precárias da vida laboral das sociedades.(Fernandes,2016,p.693).

Ou seja, a escrava se submeteu a trabalhar em engenho, agricultura, pecuária, doméstica, ama de leite para os filhos dos fazendeiros e sexualmente. O domínio do homem branco sobre os negros se estabeleceu como senhor supremo de suas vidas literalmente, usando sua força de trabalho, sua vontade e a maternidade para lucrar a todo custo. Desse modo;

Na medida em que a exploração econômica da escrava, consideravelmente mais elevada que a do escravo, por ser a negra utilizada como trabalhadora, como mulher e como reprodutora de força de trabalho, se fazia também através de seu sexo, ela se constituía no instrumento inconsciente que, paulatinamente, minava a ordem estabelecida, quer na sua dimensão econômica, quer na sua dimensão familiar.(SAFFIOTI,2013,p.237-238).

O mais arbitrário e perverso nesta exploração sexista e misógina sobre a mulher negra é a dimensão de ordem sexual que o homem branco utilizou para inferiorizar, controlar e tornar a mulher escrava. (Hooks,2014). Logo, o corpo sexualizado da mulher negra era um instrumento para satisfazer o homem, como geradora de filhos para a produção escravocrata em larga escala em suas fazendas.

“Ela era vítima de estupro do senhor branco e da iniciação sexual de seus parentes”(Botosso,2021,p.25).A desvalorização, o desprezo e a insignificância que a escrava equivalia como um “objeto” ou uma “coisa” em qualquer campo de atuação que ela estivesse, reduzindo-a a praticamente a quase nada, um ser sem autonomia alguma na sociedade.

O sofrimento e o peso que a mulher negra³² carregou em sua pele e corpo é algo imensurável de se determinar. Desde o nascimento foram enclausuradas a um sistema escravista e desumano, chegando até mesmo a nunca conhecer e sentir o que é liberdade.

Outro ponto que devemos questionar na condição feminina da mulher negra é a possibilidade de ser realmente mãe, também de desempenhar sua feminilidade, o que lhe foi tirado nesse percurso de escravidão. Segundo Fernandes; “[...]se impôs à mulher negra um discurso que a masculinizou: ela é compreendida como uma mulher forte, mais forte que a mulher branca, em pé de igualdade com o homem negro”.(Fernandes,2016,p.696). Assim, Fernandes (2016) Apud Hooks (1982), destaca que esse pensamento seria associado “à força, independência e dominação”, que ocorreu devido à desumanização dos escravos e impondo às mulheres negras atividades pesadas.

Essa “desumanização” nos mostra como o homem branco foi impiedoso em moldar e caracterizar diferenças entre o corpo da mulher negra se baseando na cor da pele, colocando-a como igual ao homem negro por esse fator hereditário. Já que são iguais no sentido de força, a figura masculina sobrecarregou a mulher negra de diversos trabalhos, tirando-lhe tudo neste sistema de exploração.

A única função que diferenciava a mulher negra do homem negro é a questão biológica de reprodução, de gerar filhos para os senhores compulsivamente. Mesmo assim, a maternidade não era para si própria, por vontade, desejo e iniciativa da mulher. Logo, seus corpos foram incubadoras para mão de obra escrava e barata. Conforme Fernandes; “As mulheres negras tornaram-se corpos destituídos de mentes e, se são “símbolos sexuais”, isto se deve a uma reificação da mulher como objeto para fins específicos.(Fernandes,2016,p.696). Com esse pensamento do autor, só confirma como a escrava era vista pelo homem branco “corpos destituídos de mentes”, sem liberdade e sem livre-arbítrio.

³² A escrava era reduzida à reprodutora. (Davis,2016).

Portanto, a mulher negra é constituída nessa visão de objeto sexual, força e maternidade, dando rendimento e mão de obra ao homem na produção escravista que foi a colonização na América. Em seguida, destacamos o percurso da negra Tituba na obra com seus enlaces e desenlaces com os outros personagens, que a feriram e machucaram fisicamente e psicologicamente em suas relações.

4.3- A representação da mulher negra na obra de Condé

A perspectiva que a caribenha Maryse Condé traz e reconstrói da história é de uma mulher que sofreu múltiplas violências por ser negra, escrava, mulher e acusada de bruxaria em um mundo masculino que discriminava e que ainda encontramos pessoas que discriminam os negros até hoje. Quantas outras “Titubas” foram apagadas ao longo da história pelos poderes inquisitórios e estatais.

Desse modo, Condé (2020) dá voz e visibilidade à protagonista nesse romance ficcional. O foco é um olhar de como a autora centraliza questões como o racismo, segregação, aborto, machismo etc. A maneira que a personagem é constituída nos permite entender a construção a partir de documentos históricos somados com a ficção que Condé nos brinda com a trajetória de Tituba com início, meio e fim para a bruxa negra.

A narrativa na obra começa com o impacto de como Tituba foi gerada, concebida em um ato de atrocidade ao ser humano, ao feminino, à mulher. Foi quando sua mãe, Abena, foi violentada sexualmente por um marinheiro inglês. Episódio esse que deixou sequelas irreparáveis tanto ao psicológico como ao físico neste ato brutal à vida e à integridade feminina.

Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês no convés do Christ the King, num dia de 16**, quando o navio zarpava para Barbados. Dessa agressão nasci. Desse ato de agressão e desprezo (CONDÉ,2019,p.13).

O nascimento do bebê Tituba nos faz refletir que a própria concepção já é marcada por essa agressão, violência e brutalidade que sua mãe sofreu com o estupro. É como se o “destino” de Tituba na sociedade estivesse predestinado ou selado justamente pelo contexto social da época, onde essa “agressão” fosse como uma marca de nascimento. Pelo simples fato de ser mulher negra, está fadada a essa agressão tão terrível.

Assim, esse ato de barbaridade representa o quanto a figura masculina foi cruel com a mulher negra na América. De acordo com Bell Hooks (2014) apud Alves

e De Oliveira (2021), a prática do estupro foi uma parte de ordem social que os colonizadores usaram para instituir e violentar como meio de converter as mulheres negras livres em escravas.

Além disso, em consonância com os autores, essa agressão e violação dos corpos das mulheres negras na colonização foi massiva pelos colonizadores e donos de plantações de açúcar e café por muito tempo. Como também inúmeros descendentes mestiços, indesejados por suas mães, nasceram deste ato perverso e desumano.

A mulher negra estava sujeita a todo tipo de situação de vulnerabilidade e violência por ser mulher. A mãe de Tituba nos viabiliza a imagem e postura de como o contexto social via a condição feminina. A própria Abena rejeita a filha, Tituba, por ser do sexo feminino e por lembrar do homem branco que a estuprou.

Minha mãe chorava, porque eu não era um menino. parecia que o destino das mulheres era ainda mais doloroso que os dos homens. para que se libertassem de sua condição, elas não deveriam passar pelas vontades dos homens que mantinham em escravidão e deitar na cama deles? [...] (CONDÉ, 2019, p.28).

O nascimento de Tituba não só representou o descontentamento e tristeza de Abena, mas também sua frustração e repulsa a sua filha. Assim, o “outro” como Beauvoir (1970) menciona, configura o ser mulher, que representa o negativo na categoria fêmea, enquanto o homem o positivo e neutro. Essa construção pensada no discurso de “Abena” de repulsão de Tituba por ser do sexo feminino e no querer de um filho do sexo masculino, evidencia-nos o medo, o pavor, e aversão dela em perceber que sua filha vai ter o mesmo destino que ela; de escrava, estupro e servidão em um ciclo vicioso sem fim para as mulheres negras.

Como também, esse sentimento de repulsa de Abena tem a ver com o ver na figura de Tituba o resultado de um trauma e a agressão que ela sofreu. E conviver com esse fruto é uma tortura, mesmo sabendo que Tituba não tem culpa de tal ato. Ademais, esse mulher carrega uma criança de um estupro, abuso sexual por nove meses e ver essa filha sair de seu corpo e ainda cuidar, vendo todos os dias ela crescer não é fácil, para qualquer mulher. Portanto, Abena se via muito nessa posição de repulsão por lidar com a imagética de seu estupro na figura de Tituba.

Mais uma vez Abena sofreu uma tentativa de estupro na fazenda em que residia, de seu “dono” Darnell. Ato de selvageria contra a mulher, ela lutou bravamente e conseguiu se defender, porém as consequências de tal defesa

levariam a escrava à forca. Apresentação do enforcamento da escrava foi um momento que Darnell chamou todos os escravos para verem o episódio em sinal de poder e controle que ele tem sobre as vidas dos seus escravos. “Ela havia cometido o crime sem perdão. Tinha golpeado um branco. Ainda que não o tivesse matado. Em sua fúria desajeitada, apenas conseguiu cortar seu ombro.” (Condé,2019,p.31).

Ou seja, a violência para a mulher negra é algo naturalizado na estrutura machista, sexista e patriarcal por muitos séculos com maior ênfase em terras americanas. O branco sobressai em relação ao negro, controlando-o e tornando-o um ser para o trabalho braçal e objeto sexual para satisfazê-lo. Como enfatiza Cunha e Silva:

[...] a mulher negra, marginalizada pelo poder público e privado, era tida como “objeto” de prazer sexual do homem branco, vivendo à margem da sociedade, como um ser inferiorizado e subalterno, desprovida de qualquer direito.(CUNHA e DA SILVA,2018,p.112).

Portanto, tanto Abena e Tituba tiveram seus direitos retirados pelo homem branco. “[...]Tituba é apresentada como fruto de um estupro, idealizando, assim, a menina como mais uma vítima do colonialismo violento que proporcionou a diáspora africana.” (Moraes,2022, p-25). Dessa forma, a jornada de Tituba como órfã não foi fácil por diversos motivos que ela enfrentou ao longo de sua vida; o racismo, machismo, opressão, acusada de bruxaria. Uma sequência de acontecimentos que a Tituba carregará consigo por ser uma mulher negra.

Ademais, os passos que Tituba trilhou foram ao lado de uma velha chamada Man Yaya que a acolheu como uma filha e futura sábia na trama. Dessa forma, podemos traçar um paralelo com a história de “La Celestina” de Rojas, pois a representação de anciã Man Yaya se relaciona com a conexão que Celestina teve com sua mestra Claudina, com quem ela aprendeu tudo sobre a arte da medicina, flora e fauna, assim como Tituba.

Man Yaya me ensinou sobre as plantas. Aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras. Aquelas que faziam os ladrões confessarem. Aquelas que acalmavam os epiléticos e mergulhavam em um repouso deleitoso. Aquelas que punham sobre os lábios dos furiosos, dos desesperados e dos suicidas palavras de esperança. Man Yaya me ensinou a escutar o vento quando ele aumentava e a medir sua força debaixo das cabanas que ele queria destruir. Man Yaya me ensinou sobre o mar. As montanhas e as colinas. Ela me ensinou que tudo vive, que tudo tem uma alma, um sopro. Que tudo deve ser respeitado. Que o homem não é um senhor percorrendo a cavalo seu reino.(CONDÉ,2019,p.32).

Além disso, Tituba desenvolveu uma habilidade que sua mestra ensinou ao decorrer do tempo, na qual foi o “dom de se comunicar com os invisíveis”. Dom esse que possibilita falar com os mortos³³. Logo, esse foi o conhecimento mais profundo que sua segunda mãe poderia passar para Tituba e que seguirá ao seu lado nos momentos mais difíceis que ocorreram.

A primeira coisa que sua mestra Man Yaya alerta a Tituba é; “Você vai sofrer na vida. Muito. Muito.”(Condé,2019,p.32, e logo, em seguida, Tituba fica espantada: “Essas palavras me mergulharam num terror, eram pronunciadas com calma, quase sorrindo. - Mas você vai sobreviver.”(Condé,2020,p.32). Essa afirmação poderia ser em relação ao homem escravizado (John Indien) que ela conhece e se apaixona e muda a sua vida completamente em função desse amor. Dessa maneira, seria a primeira hipótese de seu sofrimento, uma vez que antes de conhecê-lo Tituba vivia isolada³⁴ do contato com os escravos e o homem branco. Como também foi a primeira vez que Tituba foi chamada de “bruxa” por John Indien, assim como sofreu racismo e machismo por parte de seus iguais. Desse modo, primeiro a mulher negra foi discriminada pelo homem que amava, sua companhia, e segundo pelos próprios escravizados que conheciam a realidade e vivência de um escravo, em vez de se unir para estabelecer uma força maior, há uma segregação por Tituba ser mulher. Como Man Yaya diz a ela: "Os homens não amam. Eles possuem, Eles subjagam".(Condé,2019,p-39). Independente da cor de pele, Tituba sofreu pelo homem o racismo. Eis a passagem de quando John Indien diz pela primeira vez a palavra Bruxa:

Enquanto, astutamente, eu surrupiava seu lenço também lhe arranhei o mindinho, e ele exclamou: — Ai! O que é que você fez, sua bruxa? Ele disse por brincadeira. Mesmo assim, aquela palavra me assombrou. O que é uma bruxa? Percebi que em sua boca a palavra estava manchada de degradação. Como é isso? Como? A faculdade de se comunicar com os invisíveis, de manter um laço constante com

³³ Os mortos só morrem se morrerem também em nosso coração. Eles vivem se nós os cultuamos, se honramos suas memórias, se colocamos sobre seu túmulo as mesmas comidas que eram de sua preferência quando estavam vivos, se em intervalos regulares nos recolhemos para comungar em sua memória. Eles estão aqui, em tudo ao nosso redor, ávidos por atenção, ávidos por afeto. Algumas palavras bastam para trazer seu corpo invisível junto ao nosso, impaciente para ser útil. (Condé,2019,p.33).

³⁴ Como eu não pertencia mais a Darnell e parasitava a plantação, não participei do triste cortejo que tomou o caminho do mercado de leilões. Eu sabia de um canto às margens do rio Ormonde, aonde ninguém jamais ia, porque a terra lá era pantanosa e pouco propícia para o cultivo da cana. Construí sozinha, com a força dos meus punhos, uma cabana que consegui empoleirar sobre estacas. Pacientemente, cerquei um pedaço de terra e delimiti um jardim, onde logo cresceriam toda sorte de plantas que eu pudesse enfiar na terra para os meus rituais, respeitando o sol e o ar.(Condé,2019,p.35).

os finados, de cuidar, curar, não era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração e gratidão? Por consequência, a bruxa, se desejam assim me nomear aquela que possui essa graça, não deveria ser adulada e reverenciada em vez de temida? (CONDÉ,2019,p.42).

Nessa cena Tituba ficou espantada com a palavra bruxa como algo pejorativo e mal na sociedade de ser e pronunciar. Mas aqui também percebemos que Tituba se questiona se será mesmo ruim ser uma bruxa, a sabedoria e conhecimento que ela detém em ajudar os seus iguais com bondade e a quem for procurá-la não deveria ser do mal. Por conseguinte, ela se interroga “assim me nomear”, ela se aceita como bruxa, pois se ser bruxa é tudo que Tituba faz, ela se auto assume como tal.

O trecho do machismo que Tituba sofre pelo escravizado Christopher:

- Lutar? Como? O dever das mulheres, Tituba, não é lutar, fazer guerra, mas, sim, fazer amor!” (CONDÉ, 2020, p. 217).

Esse discurso vindo de homem negro é mais forte por inúmeras razões, em que o peso dessas palavras ditas a uma mulher negra e escrava ganha uma dimensão muito maior. Primeiramente por todo contexto de abuso e estupro que as mulheres negras sofreram pelos homens brancos na escravidão e por eles mesmos, os homens negros, presenciarem essas atrocidades com suas esposas nas grandes senzalas pelos senhores de fazendas. E segundo, os escravizados estão replicando o discurso sexista e misógino da sociedade masculina, impregnado até hoje em nossas raízes sociais e estruturais do nosso corpo social. Ademais, a conotação “fazer amor!” que o negro utiliza para designar a função da mulher negra é muito depreciativo, ofensivo, discriminatório com a mulher em si, reduzindo-a ao sexo como homem branco fez a todo tempo no decorrer dos séculos. Como mesmo Condé refere os homens “Eles subjagam”, é uma realidade que não podemos negar, independente da pele a figura masculina vai inferiorizar a mulher.

Além de tudo, Tituba suportou a intolerância e imposição da personagem Susanna ³⁵Endicott, dona de uma fazenda e do escravizado John Indien. Ao conhecê-la, fez o questionamento de qual religião a escrava era adepta, sem ao menos responder a pergunta da senhora, seu companheiro respondeu que iria ensinar as preces da fé cristã. Condé :

³⁵ Susanna Endicott era a viúva de um rico fazendeiro, um dos primeiros a aprender com os holandeses a arte de extrair o açúcar da cana. Quando seu marido morreu, ela vendera a plantação e libertara todos os escravizados, porque, por um paradoxo que não compreendo, ela odiava os negros, ela, mas também era ferozmente contra a escravidão. Só tinha mantido John Indien por perto porque o viu nascer. (CONDÉ,2019,p.49).

— Você é cristã? John Indien se apressou em intervir: — Eu vou ensinar as preces a ela, senhora. E vou conversar com o cura da paróquia de Bridgetown para que ela receba o santo batismo o quanto antes.(CONDÉ,2019,p.47).

“— Ao menos ela é cristã? — John Indien vai ensiná-la a rezar.” (CONDÉ,2019,p.51).

Desse modo, Tituba é pressionada pelo marido para que ela aprendesse a crença da senhora Endicott, mesmo sem querer a escrava tentou e não conseguiu se encaixar a essa imposição. Outro trecho a seguir:

— Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, e em Jesus Cristo, seu único filho, Nosso Senhor.... Eu balançava a cabeça freneticamente: - John Indien, não posso repetir isso! - Repete, meu amor! O que importa para um escravizado é sobreviver. Repete, minha rainha. Acha que por acaso eu acredito nessa história da Santíssima Trindade? Um só Deus em três pessoas distintas? Mas isso não tem importância. Basta fingir. Repete!. - Eu não consigo! - Repete, meu amor, minha potra de crina em folhagem. O que importa não é que sejamos nós dois nessa grande cama, como uma jangada nas corredeiras? - Eu não sei ! Eu não sei mais! - Eu te garanto, minha rainha, que é só isso que conta. Então repete comigo! - John Indien juntou minhas mãos com força e eu repeti com ele. “Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra...” Mas essas palavras não significam nada para mim. Não tinham nada a ver com as que Man Yaya tinha me ensinado.(CONDÉ,2019,p.53).

A situação em que Tituba se encontrava de imposição em aprender uma religião que não era sua foi um martírio, agonia e aflição em proferir palavras que não tinham sentido algum, como não representava sua essência e nem o conhecimento de sua mestra Man Yaya. A intolerância foi um mal presente na sociedade e na vida dos escravizados.

A intolerância está situada no começo do ódio. Ela assume aparências tão sutis que fica difícil discerni-la e combatê-la. E, no entanto, “se não a detivermos, será tarde demais”. Uma vez instalada, gera inevitavelmente o desprezo, o ódio pelo outro; e o ódio, por sua vez, só gera o ódio.(WIESEL,2000,p.265).

Destarte, Tituba foi obrigada todas as tardes a ter aulas com a senhora Endicott para aprender a recitar as lições de catecismo do Santo Livro. Visto que, a senhora obrigava Tituba a fazer o sinal da cruz antes das preces e isso irritava consideravelmente a escrava “o feito que aquela mulher produzia em mim. Ela me paralisava.Ela me apavorava”.(Condé, 2019,p.53). Impor o Cristianismo a todo custo a uma pessoa e anular a religião, a ancestralidade africana de Tituba ou do outro é um meio de intolerância é início de uma violência contra a liberdade de expressão.

E assim como Wiesel (2000) menciona em sua fala, uma vez instalada dificilmente será combatida.

Logo, a ancestralidade e conexão de Tituba com as raízes africanas era bastante forte, e não pôde ser apagada por uma imposição opressora de Susanna para que Tituba aceitasse um Deus cristão que jamais teria significado para ela. A ancestralidade feminina a que ela estava ligada se relaciona com sua própria vida, o que ela vivia, se reconectava e se reconhecia em suas práticas ancestrais de falar com os mortos, a medicina e cantigas passadas por sua mestra.

Esse conhecimento e sabedoria feminina vindo de mulheres que representam a sua essência e história é algo muito profundo para Tituba, pois há uma relação de reciprocidade e aprendizado sem opressão, imposição ou exigência vinda de alguém. Tituba tinha o prazer de se conectar aos Invisíveis, ao seu povo - o saber adquirido possibilitou a essa mulher negra nunca se esquecer de suas raízes, principalmente da presença de mulheres resistentes e poderosas como referência em sua vida.

A multiplicidade de discriminações que a protagonista sofreu na sua trajetória é incomparável e nítida. Mas ela se mantém na luta e resistência em sobreviver às condições impostas em seu caminho tortuoso e triste até a sua liberdade.

4.4- Tituba: bruxa negra em busca de sua liberdade

Para iniciarmos as discussões em relação a essa temática em análise, devemos levar em consideração três fatos específicos na trama de Maryse Condé: A acusação de bruxaria em Salem, a prisão em Ipergi, e relação de Tituba com o Judeu Azevedo. Diante disso, podemos delinear uma trajetória de resistência e luta para sua emancipação em ser livre.

Quando falamos em liberdade na situação que Tituba estava e no contexto do século XVII, a liberdade se estabelece como um fator primordial para a pessoa negra - ser liberto e poder desfrutar de tal ato é o maior objetivo de um negro. Como Bobbio enfatiza: "O homem como *pessoa* - ou para ser considerado pessoa - deve ser, enquanto ser social, deve estar com os demais indivíduos numa relação de igualdade." (Bobbio,1996,p.7). Porém o escravizado nunca esteve em pé de igualdade com os demais na sociedade moderna, visto que essa liberdade foi tirada dos negros devido a sua pele e postos como escravos em suas propriedades pelo homem branco em trabalhos forçados de servidão.

Ademais, quando pensamos na personagem Tituba, a partir dessa perspectiva, ela vivia com uma “certa liberdade³⁶” ao início da história, mas tudo mudou quando Tituba abdica de sua liberdade para ter uma vida de escravizada na propriedade da senhora Susanna ao lado de John Indien, seu amor. Todas suas ações impensadas só acarretariam dores e desgraça ao passar do tempo. “Vento e imprudência! Esse negro é só vento e imprudência”(Condé, 2020,p.58). A velha Man Yaya alertou que John Indien traria infortúnios para sua pupila, porém Tituba recusava acreditar.

Primeiramente, o advento nas colônias americanas, em Salem, onde Tituba foi acusada de ser bruxa pelas duas meninas Betsey e Abigail. Tituba tinha uma relação de proximidade mais de Betsey do que Abigail e frequentemente contava histórias que envolviam pacto com o diabo, com isso atiçava a curiosidade das meninas e as perguntas relacionadas ao tema.

Suas histórias favoritas eram as de gente com pacto com o Diabo”

“— Tituba, você acha que tem gente possuída aqui em Salem? Eu assenti com uma risada: — Sim, e bem acho que Sarah Good é uma delas!”

“— Você acha, Tituba? E Sarah Osborne, ela também é? (CONDÉ,2019, p.96.).

Tituba não imagina que essas histórias seriam usadas para acusá-la de bruxaria logo depois. Visto que, acontecimentos como desmaios inesperados, catalepsia, confusões e coisas estranhas que a ciência e os médicos da localidade na época não achavam soluções para os problemas a princípio, colocaram a culpa no “maligno”. Apontam e julgam os ocorridos à bruxa Tituba como base nos infortúnios ocorridos em Salem. Betsey Parris enfatiza uma fala muito forte e significativa: “— Você, fazer o bem? Você é uma negra, Tituba! Você só pode fazer o mal! Você é o Mal!`.”(Condé, 2020,p.119).

Logo, seu discurso racista e preconceituoso de julgá-la sem credibilidade e pela sua pele negra demonstra como a sociedade via a mulher negra com estereótipo de bruxa má e perversa. Ela continua: “— Aquele banho que você me obrigou a tomar, o que tinha nele? O sangue de um recém-nascido que você matou

³⁶ Essa certa liberdade que Tituba teve a princípio foi devido; quando sua Abena foi morta pelo fazendeiro Darnell e o seu pai de criação Yao foi vendido a um fazendeiro chamado John Inglewood, porém no caminho ele se matou engolindo a própria língua. Já Tituba foi expulsa da plantação na qual ficou vagando pela redondeza quando Man Yaya acolhe a menina frágil com apenas 7 anos de idade. (CONDÉ,2020).

por maldade? Eu fiquei estarelecida. — O gato que você alimenta todas as manhãs? É ele, não é ?” (Condé,2020,p.119). Este era o imaginário:

[...]a do hábito de certas bruxas, que vai contra o instinto da natureza humana, e até mesmo contra o instinto da natureza de todas as feras, com a possível exceção dos lobos, de devorarem, como canibais, os recém nascidos.KRAMER; SPRENGER, 2021, p. 210)

O estereótipo da bruxa que utiliza bebês e animais em rituais é um pensamento muito frequente neste período pelas pessoas entre os séculos XV e XVII na América do Norte. Logo, a protagonista negra sendo acusada de tais atos em uma cidade completamente religiosa, as proporções só levariam Tituba e as outras acusadas para a prisão e depois para o seu julgamento.

O próximo passo na história de Tituba e as duas Sarah's é que foram levadas para prisão de Ipergi que ficava há quinze quilômetros de Salem acusadas por bruxaria. Ambiente esse onde a escrava conhece uma mulher chamada Hester que será a luz de esperança de Tituba a resistir a mais uma injustiça que a sociedade racista impõe à mulher negra. O papel de Hester na defesa de Tituba foi primordial, pois ela arquitetou como precisava ser o depoimento e o que falar diante do Tribunal, aos juízes para se safar das acusações e não ir à forca.

— bota medo neles, Tituba! medo pelo dinheiro deles! Descreva-o na forma de um bode com o nariz de bico de águia, um corpo todo coberto de longos pêlos pretos e, preso à cintura, um cinto de cabeças de escorpião. Eles vão tremer, e que tremam, que desmaiam! Que dancem ao som de sua flauta, ouvida de longe. Descreva as reuniões das bruxas, cada uma chegando com a sua vassoura, as mandíbulas escorrendo de desejo ao pensar no banquete de fetos e recém-nascidos que seria servido com muitas canecas de sangue fresco... (CONDÉ, 2020, p.149).

Esse foi o primeiro passo para que a justiça acreditasse nas palavras de Tituba e que confirmasse a existência das bruxas, admitindo o que eles queriam ouvir. Além de que, Tituba acusou Good e Osborne como bruxas. Uma vez que, ambas tentaram colocar a culpabilidade sobre a bruxa Tituba para escapar da prisão. Ademais, o interrogatório foi o ápice da encenação da bruxa negra em busca de sua liberdade mais uma vez:

— Tituba, com qual espírito do mal você mantém amizade? — Nenhum. — Por que atormenta essas crianças? — Eu não as atormento. — Quem as atormenta então? — O Demônio, pelo que sei. — Você viu o Demônio? — O Demônio veio me ver e ordenou que eu lhe servisse. — O que você viu? — Quatro mulheres atormentando as

crianças. — Quem são elas? — Sarah Good, Sarah Osborne são as que eu conheço. Não conheço as outras. Sarah Good e Sarah Osborne queriam que eu atormentasse as crianças, mas me recusei. Também havia um grande homem de Boston, muito grande. — Quando você os viu? — Na última noite em Boston. — O que eles disseram? — Me disseram para atormentar as crianças. — E você obedeceu? — Não. São quatro mulheres e um homem que atormentaram as crianças e eles estão se escondendo atrás de mim e me disseram que, se eu não as atormentasse, eles me machucariam.(CONDÉ,2020,p-155-156).

Desse modo, a personagem negra usou desse artifício para tentar ser livre novamente. Mesmo sabendo que tudo isso não passava de uma mentira em sua pobre defesa, visto que, para Tituba, a bruxa está relacionada à natureza³⁷, ao curar, ao conhecimento sobrenatural e de animais em prol de ajudar o outro. E ser julgada por uma dádiva que a sabedoria medicinal naquela época, como ela foi, restringindo seus poderes ao maligno é totalmente errônea essa percepção. Aliás, segundo Chauí:

ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constrem a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para escolher entre vários possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta. (CHAUÍ,2000,p.344).

Logo, Tituba foi forçada a mentir, dissimular e fingir em prol de sua vida, do seu sonho de voltar a sua terra natal no Tribunal, alegando ser uma bruxa nos moldes que a igreja e a sociedade viam a mulher. Ela, no entanto, tinha conhecimentos de plantas medicinais e rezas para os males que assolavam Salem. Como Chauí alude que os “poderes externos” forçam “a fazer alguma coisa”, esse “fazer” que Tituba se agarrou e segurou com todas forças, na oportunidade possibilitada por Hester em construir o discurso sobre o demônio e as bruxas para que ela encarasse os desafios dos homens brancos em seu julgamento. Por consequência, este plano fez efeito e ocorreu como planejado, mas ela tinha apenas escapado da morte e não do seu martírio e escravidão. Dessa forma, Tituba é levada

³⁷ A ligação de Tituba se assemelha à relação que os wiccanianos têm com a natureza, tudo está conectado. Segundo Prieto, “A Wicca é uma religião que celebra a natureza. Em suas práticas encontra-se o interesse pelas questões ambientais, como parte imprescindível da religião, pois quanto mais nos sintonizamos com o ambiente onde vivemos, mas nossa religião se tornará significativa e parte integrante de nossa vida.(Prieto,2020,p.33).

para uma asilo na cidade de Salem, devido que em Ipergi não havia asilo, e por conseguinte novamente à prisão.³⁸

Por volta de 1693, Tituba, nossa heroína, foi vendida, na prisão, pelo preço de “sua pensão”, suas correntes e seus ferros. A quem? O racismo, consciente ou inconsciente, dos historiadores foi tamanho que ninguém se importou. De acordo com Anne Petry, uma romancista negra americana, que também se apaixonou por essa personagem, Tituba foi comprada por um tecelão e terminou seus dias em Boston. Uma vaga tradição afirma que ela foi vendida a um comerciante de escravizados que a levou de volta a Barbados.(CONDÉ,2020,p.249-250).

À vista disso, o Estado impõe aos prisioneiros pagar sua própria detenção dando lucro em função de seus crimes. Entretanto, as dívidas só acumulavam e bruxa Tituba foi vendida a um judeu chamado Benjamin Cohen d’Azevedo onde ela terá uma dupla relação com o judeu; a de serva e amante.

Como Benjamin Cohen d’Azevedo e eu, ele bem ocupado com a lembrança de uma morte, e eu, com a de um ingrato, encontramos-nos presos a um caminho de carícias, conversas e prazeres recebidos e dados? Acho que a primeira vez que isso, aconteceu, ele ficou ainda mais surpreso do que eu mesma, porque ele achava que seu sexo era uma coisa sem uso e ficou surpreso ao encontrá-lo inflamado, rígido e penetrante, inchado de um sumo abundante.(CONDÉ,2020,p.183).

Apesar da vida de escravizada ao lado de Azevedo, Tituba desperta esse desejo por esse homem, seja por vulnerabilidade ou fragilidade por todas situações que ela tenha passado ao passar do tempo, que não foram fáceis para uma mulher negra. O vínculo construído entre ambos se estabelece em contraponto com as perdas, lutas e perseguições que eles compartilham entre si. Mas, mesmo diante dessa situação de proximidade, a escrava não esquece de seu propósito que é a liberdade.

Numa noite em que nossa deriva foi mais violenta do que o de costume, Benjamin murmurou apaixonadamente: — Tem sempre uma sombra no fundo dos seus olhos, Tituba. O que eu posso lhe dar para que você seja feliz ou quase? — A liberdade! As palavras saíram sem que eu as pudesse prender. Ele me olhou com seus olhos movediços: — A liberdade! Mas o que vai fazer com ela? — Vou me sentar em um dos seus navios e partir o quanto antes para o meu Barbados. (CONDÉ, 2020,p.184-185).

A libertação da bruxa Tituba é interrompida pelo abuso de poder do judeu sobre a escrava, suas súplicas não foram atendidas ao princípio, visto que estava

³⁸ Tanto na prisão quanto no asilo, não éramos hóspedes do Estado e era necessário que cada um, inocente ou culpado, quitasse os custos da sua estada bem como o preço de suas correntes. (CONDÉ,2020,p.173)

apaixonado. Tudo mudou quando certa noite, um grupo de pessoas atearam fogo em sua casa por abrigar uma bruxa de Salem, e seus filhos pagaram o preço, morreram queimados neste ato de desespero, mesmo escapando com Tituba a mágoa e culpa ecoaram no pobre Judeu.

Foi Deus que me puniu. Não tanto pelo desejo que sinto por você. Os judeus sempre tiveram um forte instinto sexual. Nosso pai Moisés, em sua velhice, tinha ereções. Deuteronômio disse: “Seu poder sexual não tinha diminuído.” Abraão, Jacó, Davi tiveram concubinas. Também não foi porque eu utilizei da sua arte para rever Abigail. Isso lembrou-o do amor de Abraão por Sarah. Não, ele me puniu porque neguei a única coisa que você desejava, a liberdade! Porque eu a prendi junto a mim à força, usando essa violência que ele reprova. Porque fui egoísta e cruel.(CONDÉ, 2020,p.193).

A lamentação e a perda dos filhos de Azevedo foi o ponto de eclosão para sua liberdade, a tão sonhada alforria que Tituba queria: “Ele me entregou um pergaminho estampado com vários selos.” (Condé,2020,p.193). Ao mesmo tempo que ela estava feliz pela libertação, encontrava-se triste pelas circunstância do judeu que perdeu tudo e suas nove crianças. Além do seu regresso a Barbados de navio, Tituba conhece um marinheiro Deodatus, conhecido de sua mãe, Abena, que irá fazer companhia nessa travessia a sua terra. Em terras barbadianas Tituba se encontra o seus invisíveis e Man Yaya “ - Não se deixe levar por aí! Vá para casa!(Condé, 2020,p-204). Portanto, a luta e resistência de Tituba ainda não tinha acabado, no acampamento dos fugitivos, Tituba fica por um período e conhece um homem chamado Christopher, líder dos escravizados, com quem ela sofre racismo e machismo novamente. Além de ficar grávida dele. Como podemos ver nos trechos a seguir:

“Você não vai mais me maltratar.”(Condé,2020,p-208).

“Você nada mais é que uma negra muito ordinária e quer que te tratem como se fosse preciosa?” (Condé,2020,p.221).

Desse modo, cada homem na vida de Tituba deixou marcas negativas e irreparáveis psicologicamente e fisicamente. Em consonância com Fernandes: “Os homens negros (pais, filhos, irmãos, maridos) agem violentamente nas vidas das mulheres negras que os cercam”.(Fernandes,2016, p.701). À vista disso, o que autor indaga é a realidade também, pois os homens negros também praticam o machismo, inferiorizam e menosprezam a mulher negra independente do fator cor. A própria personagem Man Yaya enfatiza que os homens não amam, eles possuem.(Condé,2020). Infelizmente, esse pensamento “eles possuem” é uma ideia

ou posicionamento cultural que reforça a condição subalterna e objetivada da mulher negra.

Diante disso, a protagonista volta para sua antiga casa, onde tudo começou e reconstrói suas conexões com sua terra, rio e plantas, dando vida e cores para seu antigo lar. Também cuida dos escravizados nas redondezas que a procuravam para cura das doenças e males, usando seus conhecimentos para o bem e para o futuro. Como por exemplo, a descoberta de cura para doenças; “Naquela época, a cólera e varíola atacavam regularmente as plantações e tombavam negros e negras. Descobri como curar essas moléstias.” (Condé,2020,p.223). Podemos intitular Tituba como curandeira ou farmacêutica, pelo seu conhecimento e manipulação de ervas, porque a bruxa sempre estava à procura de se aprimorar cada vez mais para curar os escravizados.

[...]mulheres velhas que dominavam um saber ancestral, que consistia no uso de ervas de reconhecida eficácia. Esse saber, transmitido por via oral, era, em princípio, acessível a qualquer um, mas essas mulheres o herdavam através de laços familiares.(Tosi,2012,p.394).

Dessa maneira, essa sede em busca de conhecimento vem de sua mestra Man Yaya que conhecia flora e fauna com muita destreza os elementos da natureza. A ancestralidade dos poderes passados da mulher negra não termina nas mãos de Tituba, pois mesmo após a morte onde ela alcança a liberdade, ela deixa todo seu conhecimento a próxima bruxa (Samantha) que seguirá com a tradição em repassar às mulheres futuras sua ciência.

Apesar de todo sofrimento que Tituba passou como escrava e bruxa, ela nunca desistiu de resistir e procurar a liberdade da mulher negra. Mesmo com a morte e antes mesmo de ter sua filha era já era reconhecida³⁹ pelos seus iguais e temida pelo homem branco. Ademais, toda sua trajetória não anulará a mulher forte e destemida que enfrentou a diversidade de discriminação e preconceito pelo homem. A história de Tituba ficou marcada no contexto das Colônias Americanas e como Condé ressalta: “— O dever de um escravizado é sobreviver. Escutou? Sobreviver.” (Condé,2020,p.49). E foi isso que Tituba fez, rompeu a barreira tempo e

³⁹ Os escravizados reconheceram Tituba como uma mãe: “Uma das jovens se inclinou então diante de mim: — Nos dê a honra, mãe, de sua presença!” Mãe? O modo como ela me chamou me fez pular e ferver de raiva, pois isso estava reservado às mulheres mais velhas, àquelas que ouvíamos tratar com respeito. Eu mal tinha feito trinta anos e, um mês antes, o sêmen quente de um homem inundava as minhas coxas.” (Condé,2020,p.205).

espaço gravando seu nome na historicidade de luta e resistência da mulher negra na América.

Agora, a discussão será em relação ao tema aborto em que a personagem resolve não ter a criança devido às circunstâncias que Tituba estava vivenciando de servidão para os negros. Não era propício parir qualquer filho naquele contexto social.

4.5 - Diálogos sobre o aborto da personagem Tituba como ato de resistência

Discutir sobre uma temática tão polêmica e delicada hoje em dia como o aborto é necessário. E principalmente quando se trata de uma mulher negra. Sendo assim, há pessoas que são a favor e outras contra ao aborto na atualidade, colocando-o como crime. Logo, para tratar dessa questão aqui, iremos analisar a personagem Tituba, bruxa negra de Salem (Condé 2020), na perspectiva de resistência e dona de seu corpo. Afinal, ser mãe onde ela estava inserida não era uma opção fácil e ideal para ambos. Segundo Cardozo e Farias; “[...]o aborto representava, para Tituba, sobretudo, um ato de *resistência*, já que a criança teria um destino traçado, igual ou mesmo pior que o seu, o de sua mãe e o de sua avó”.(CARDOZO E DA FARIAS, 2021,p.90).

Desse modo, a mulher negra desde a escravidão no mundo foi considerada inferior e usada para os meios de produção escravocata em múltiplas funções dentro das propriedades como; objeto sexual, procriação, doméstica, ama de leite para seus senhores, como outros trabalhos desempenhados. Além disso, segundo a filósofa Davis: “Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo.”(Davis,2016,p.19). Portanto, a mulher negra foi reduzida à procriação em massa. À vista disso, muitas mulheres negras optavam para o aborto de seus filhos para que eles não tivessem o meu destino cruel de servidão.

A partir disso, a categoria de análise da personagem Tituba será em função de demonstrar como a mulher negra foi forte em abdicar de seu filho, para que ele não crescesse no mundo de escravos, mortes e escravidão constante para a pele negra. A descoberta de Tituba ao descobrir que estava grávida de John Indien foi de tristeza e descontentamento por saber que não iria ter a criança. Veremos em seu discurso como ela vê a questão de ter ou não filho: “Foi um pouco depois disso que

me dei conta de que estava carregando em mim uma criança e decidi matá-la.”(Condé,2020,p.83).

Como também nesse trecho:

Para uma escravizada, a maternidade não é uma alegria. Ela vem para expelirmos, em um mundo de servidão e abjeção, um pequeno inocente, cujo destino será impossível de mudar. Durante toda a minha infância, vi pessoas escravizadas assassinar seu recém-nascido, plantando um longo espinho no ovo ainda gelatinoso de sua cabeça, cortando com uma lâmina envenenada seu cordão umbilical ou, ainda, abandonando-o à noite em algum lugar percorrido por espíritos zangados. Durante toda a minha infância, ouvi escravizadas trocando receitas de poções, de lavagens, injeções que esterilizavam para sempre sua matriz e a transformava em túmulos revestidos de mortalhas vermelhas. (Condé,2020,p.83-84).

Dessa forma, a descrição de Tituba como ela via o mundo e como as outras mulheres negras também faziam a prática do aborto é uma triste realidade, mas era necessário. Mesmo correndo o risco de morte neste ato de desespero e resistência, as mulheres foram firmes em não gerar mais escravos para os homens brancos. Além das dores de ver seus filhos mal-formados saindo de seus corpos sem ao menos poder algum um dia, chamá-la de mãe. Como Davis enfatiza:"Muitas escravas se recusavam a trazer crianças a um mundo de trabalho forçado interminável, em que correntes, açoites e o abuso sexual eram as condições de vida cotidianas" (DAVIS, 2016, p. 207). Sendo que, suas crianças eram tiradas de suas mães muito cedo, vendidas para diferentes fazendas para o trabalho escravo,dando lucro constante com a reprodução das mulheres negras.

Como Tituba ressalta também em sua fala “ouvi escravizadas trocando receitas de poções, de lavagens, injeções que esterilizavam para sempre sua matriz” em que o aborto induzido era frequente entre as escravas,onde compartilhavam ervas medicinais para o processo de abortar e o pós aborto em sua recuperação, ou seja, as mulheres tinha um conhecimento avançado nas ervas para o procedimento recorrente. Ademais, a cena do aborto de Tituba foi bastante dolorosa e forte para uma mulher, em tentar superar essa decisão dor que a escrava levará consigo sempre que lembrar da sua perda.

Naquela noite, uma torrente de sangue negro carregou meu filho para fora de minha matriz. Eu o vi bater os braços como girino em desespero e comecei a chorar.John Indien, a quem eu não tinha confessado nada,e que acreditava num novo golpe de sorte, também chorou.(Condé,2020,p.86).

Como esse outra parte:

Lutei para me recuperar da morte do meu filho. Eu sabia que tinha sido para melhor. No entanto, a imagem daquele pequeno rosto, cujos contornos reais não conhecerei jamais, vinha me assombrar. (Condé, 2020, p. 86).

O infanticídio que Tituba cometeu em relação ao seu filho foi um ato desumano ou de desespero da condição humana da época? Na concepção de Davis; “Abortos e infanticídios eram atos de desespero, motivados não pelo processo biológico do nascimento, mas pelas condições opressoras da escravidão.” (Davis, 2016, p. 408). Portanto, esse ato frequente entre as negras foi devido ao sistema opressor que de tanto impor às escravas a reprodução humana em massa em suas propriedades, as mulheres buscaram um meio de parar com esse ciclo vicioso.

Dessa maneira, o pensamento de Tituba se iguala a tantas outras mulheres negras que compartilham com o mesmo sentimento de medo pelos seus filhos e filhas que não terão liberdade e sofrerão com angústia e calamidade da escravidão de uma sociedade racista e genocida com os negros.

Logo, a postura da personagem de Tituba na segunda gravidez⁴⁰ foi de incredulidade, porém os espíritos de sua mãe, Abena e Man Yaya comentaram que “Bom, dessa vez você não poderá desfazer nada disso. - A natureza chama.” (Condé, 2020, p. 225). Visto que, mesmo depois da libertação a escrava tinha um sentimento de “incerteza e dúvida” sobre o seu estado, mas que se enche de felicidade⁴¹. Ademais, sua maior preocupação é em relação ao seu futuro, será que o seu destino será igual o dela ou ocorrerá uma mudança neste caminho do escravizado? Não ocorreu. Mas esse futuro foi interrompido por uma rebelião entre os escravizados e os fazendeiros e tropas inglesas, em que certo dia atearam fogo na sua cabana enquanto ela dormia. Porém, Tituba e Iphigene⁴² conseguiram sair de

⁴⁰ Tituba ficou grávida de Christopher nesse campo de escravizados de uma menina.

⁴¹ Para Tituba, su descendencia no debe padecer la esclavitud; si el peligro es ese, se practica abortos. Solo en libertad, acepta su embarazo, que no llegará a término por su muerte. Entonces, más allá de la muerte escoge una hija adoptiva, tal como ella fue hija adoptiva y continuadora de Mamá Yaya. (Rivas, 2018, p. 72-73).

⁴² Foi um escravizado que tinha levado duzentas chibatadas na qual, os escravizados trouxeram ele para a bruxa Tituba cuida de seus ferimentos. Além de passar um tempo na casa de Tituba. Onde, Iphigene tinha o plano de se vingar dos brancos “das casas grandes”, mas foram traídos por alguns escravizados.

sua casa. Entretanto, foram direto para a forca, onde a corda girou seus corpos no ar em direção à liberdade. O Ato final da Morte de Tituba:

Seu corpo foi o primeiro a girar no vazio, suspenso numa madeira forte. Eu fui a última a ser conduzida à forca, pois merecia um tratamento especial. A punição da qual eu tinha “escapado” em Salem, era agora apropriada. Um homem, vestido com um pesado manto preto e vermelho, recordou todos os meus crimes, passados e presentes. Eu tinha enfeitiçado os habitantes de uma aldeia pacífica e insultado Deus tinha chamado Satanás para estar entre eles e jogá-los um contra o outro, submissos e furiosos. Havia queimado a casa de um comerciante honesto que não sabia sobre os meus crimes e tinha pagado sua ingenuidade com a morte de seus filhos. Nesse ponto da acusação, quis gritar que não era verdade, que era mentira, cruel e vil. Mas pensei melhor. Qual é o ponto? Logo alcançarei o reino onde a luz da verdade brilha sem cessar. Montados sobre a madeira da minha forca, Man Yaya, Abena, minha mãe, e Yao esperavam por mim para pegar minha mão.(CONDÉ,2020,p.242).

Portanto, a morte da bruxa Tituba significou também sua liberdade e de seus filhos. Sua história e trajetória ecoaram por todo território “Eu a ouço por toda a ilha, de North Point a Silver Sands, de Bridgetown a Bottom Bay.” (Condé,2020,p-243). A resistência e poder de Tituba como detentora de conhecimentos medicinais e suas canções estava na boca povo escravizado. A morte deu asas para a escrava voar sem medo, em direção à eternidade, vagando por todos os lugares ajudando seus semelhantes e procurando a próxima descendente de seus poderes. Tituba encontrou a menina Samantha, que aprendeu tudo sobre as ervas, a linguagem dos animais, a ver os invisíveis, todo conhecimento adquirido na sua jornada de escravizada e bruxa foram passado para Samantha.

Portanto, a obra de Maryse de Condé nos traz diálogos enriquecedores de como a mulher negra foi tratada na esfera de escravidão, abuso sexual, aborto, intolerância religiosa, mortes e a liberdade a partir da morte. A dimensão que Condé narra em primeira pessoa para nós leitores, como também apresentando a ancestralidade da mulher negra neste livro *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* ganha uma magnitude imprescindível para as múltiplas Titubas representadas aqui em sua obra. Desse modo, Tituba simboliza e constitui a resistência, audácia, perseverança da mulher negra em não desistir da vida e liberdade independente da circunstância imposta à mulher. Por isto, “ser negra” é resistir ao sistema opressor do homem branco.

5-Celestina: uma bruxa renomada na sociedade medieval

5.1- Resumo da obra

A célebre obra *La Celestina* de Fernando de Rojas⁴³ é uma das obras mais relevantes da história literária espanhola. Ademais, a obra possui duas versões a princípio; a primeira como a Comédia de Calisto e Melibea sendo publicada em 1499 em Burgos, que consistia em 16 atos. Já a outra versão intitulada como Tragicomedia de Calisto e Melibea, em 1500, em Toledo, e no ano seguinte em Sevilha com 21 atos.

A história está centralizada em três personagens principais: Calisto, Melibea e a bruxa Celestina. Como também com personagens secundários que são importantes para o seguimento da dramaturgia; Sempronio, Pármemo, Elicia e Areúsa e entre outros integrantes. A história inicia quando Calisto encontra Melibea⁴⁴ em sua horta enquanto procurava seu falcão. Quando ele viu a bela e jovem Melibea apaixonou-se perdidamente por ela, porém a donzela o rejeita friamente inicialmente. Indignado com a rejeição, Calisto desabafa com Sempronio, seu criado, sobre o ocorrido e ele sugere que seu patrão procure a velha Celestina, a dona do bordel, que tem a prática de juntar casais com sua magia e feitiçaria em troca de dinheiro. Sempronio e Pármemo se juntam com Celestina para extorquir mais moedas de ouro de Calisto.

⁴³ Em geral o que se sabe sobre Fernando de Rojas, autor da obra *La Celestina*, é que ele nasceu em Puebla de Montalbán (Toledo), na Espanha por volta de 1470, em uma família considerada rica de cristãos novos. Fernando de Rojas ajudou membros da sua família, denominados marranos e criptojudeus, afetados pelas perseguições da Inquisição. A sua família foi perseguida e ele próprio aparece em processos inquisitórios, em versos acrónimos, documentos que mostram que foi ele o autor de *La Celestina*. Rojas estudou direito na Universidade de Salamanca e como todos os estudantes de Salamanca da época, teve que cursar três anos obrigatórios na Faculdade de Artes, então, provavelmente conhecia os clássicos latinos e a filosofia grega. De posse do diploma de bacharel em direito, pelo qual teve que estudar nove ou dez anos, começou a atuar como advogado em Talavera de la Reina, onde também exerceu a função de Alcaide-Mor (o que seria nos dias de hoje um tipo de oficial de justiça). Rojas morreu em 1541 em Talavera de la Reina, entre o dia 3 e o dia 8 de abril. Os seus restos mortais foram enterrados no Convento Madre de Díos daquela cidade e, nos anos oitenta do século XX, foram transferidos para a Colegiata de Santa María la Mayor de Talavera. (SANTOS,2019,p.5).

⁴⁴ Essa personagem tem características do Amor cortês;“O Amor Cortês, criação original dos trovadores que foi tão bem traduzida pelas cantigas trovadorescas de amor e pelos romances cortesões do período medieval, não raro podia levar ao desespero, à paixão desmedida, ao desejo de morte diante da impossibilidade de realização da união com a mulher amada.” (BARROS,2008, p.1-2).

Ademais, a anciã faz o feitiço para Melibea se apaixonar por Calisto, conseguindo o feito até então. Mas o preço para todos os envolvidos na trama saiu caro no final da história. Celestina é assassinada pelos criados de Calisto por sua ganância por dinheiro. Logo após, os criados são mortos também em seu triste fim e por último, a mais cômica e trágica das mortes, é quando Areúsa e Elicia⁴⁵ querem vingar a morte da bruxa Celestina e resolvem contratar um assassino para matar Calisto e Melibea. O assassino chega na casa, Calisto ouve vozes na parte de baixo da casa e decide descer a escada e o nobre cai e morre. Inconsolada com a morte de seu amado, logo depois, a donzela se jogou da torre e faleceu.

5.2- A bruxa Celestina

Sabemos que a bruxaria e feitiçaria foi uma temática bastante discutida por muitos autores pelo mundo, e um deles foi Fernando de Rojas com sua célebre obra *La Celestina*, visto que, apesar do tempo, é um marco para a literatura e até para a historicidade da mulher-bruxa na transição do final do século XV para o Renascimento.

A trama desenvolvida é pensada pelo autor, utilizando a mulher e principalmente uma bruxa nessa época de grande repercussão e repressão a caça às bruxas no período inquisitório, dando palco e protagonismo à Celestina em uma sociedade misógina e que marginaliza não só as bruxas, mas muitas mulheres em um sistema patriarcal e sexista. Além disso, ela representa uma mulher astuta, perspicaz, forte, inteligente, que não se encaixava nos padrões sociais impostos, em que o domínio constante era a figura masculina e clerical. Essa perspectiva que Rojas traz, de construir um personagem que bate de frente com as ideologias que sufocavam o feminino, é revolucionário em sua magnitude de representação e poder para mulher, assim como Celestina fez no espaço que estava posta. Pois, mesmo com tudo que estava ocorrendo nesse período de Inquisição, ele foi perspicaz em manter-se com seus ideais de evidenciar a perseguição às mulheres no corpo social na Espanha.

Inicialmente, precisamos pensar na etimologia do nome da personagem que Rojas coloca em evidência, “Celestina”, nomeando uma prostituta e bruxa em sua obra como peça central em 1499, dando voz e visibilidade a uma mulher considerada sem credibilidade, moralidade, valores e costumes que para a igreja e

⁴⁵ Estas personagens eram as duas prostitutas que trabalhavam com Celestina no prostíbulo.

para o homem eram o princípio regido na sociedade na época. Sendo assim, “Celestina - latim *caelestis*, a que descende do céu, a angelical, mais o sufixo “ina” que é diminutivo com valor pejorativo; ou ainda *scelere*, também do latim, trair ou fazer maldade - reforçam a intenção de Rojas”. (Aguiar, 2011,p.30).

Essa definição do nome de Celestina é muito significativo devido a que, no momento que Rojas escreve essa obra célebre, é quando as questões religiosas, machismo, patriarcalismo e o sexismo estavam no seu auge no tecido social por todo contexto histórico ocorrido na Espanha. Ademais, podemos enfatizar que Rojas ironiza e satiriza os valores sociais da época, pois a protagonista recebendo um nome tão puro e ao mesmo tempo sendo uma mulher com inúmeras imperfeições, bruxa, dona de um prostíbulo e que tinha várias profissões consideradas como bruxaria. A igreja jamais aceitaria uma mulher com todos estes defeitos em uma sociedade totalmente patriarcal e religiosa.

Como também, Rojas insere o sufixo diminutivo na nomenclatura de Celestina para evidenciar tudo que a bruxa e a prostituta representavam naquela sociedade e para a massa cristã naquele período de repressão ao feminino. Da maneira que Aguiar (2011) enfatiza acima “ trair ou fazer maldade” pondo a mulher com características negativas e sem confiança para marcar a personagem Celestina.

A partir disso, podemos pensar a mulher-bruxa em um contexto social que o sexismo estava impregnado nas raízes e estrutura social entre a Idade Média e a era Moderna. Ou seja, o cenário que Rojas vivencia nos possibilita imaginar como era a sociedade através da personagem “La Celestina”, com um ambiente retratando as relações sociais da Espanha; prostíbulos, divisão de classes, ganância, luxúria, feitiçaria e bruxaria. Uma esfera perfeita para escrever, representar e registrar como as bruxas foram tratadas e perseguidas pela figura masculina.

A construção da personagem “Celestina” como uma velha gananciosa e bruxa é um reflexo do período inquisitório, em que estereotipam as mulheres de diversas formas; mendiga, anciã, prostituta, solitária, essas características eram normais para pessoas pobres na idade média, pois nesta classe a primeira a serem apontadas como bruxas.e caçadas pelo poder eclesiástico por pactuarem com demônio. Desse modo, alega-se que, “[...] a bruxa que celebrava um pacto com satã desfrutava uma quase igualdade contratual com o senhor das Trevas [...] (RUSSELL E ALEXANDER,2019, p.99). Essa prática de fazer pacto para ganhar poderes é uma ideia muito forte no medievo, pois justificava os acontecimentos

ocorridos por intermédio das mulheres para atingir a Igreja. Como também vemos que Celestina faz o pacto com o demônio:

CELESTINA. Conjuróte, triste Plutón, señor de la profundidad infernal, emperador de la corte da nada, capitán soberbio de los condenados ángeles, señor de los sulfúreos fuegos que los hirvientes étnicos montes 202 manan, gobernador y veedor de los tormentos y atormentadores de las pecadoras ánimas, regidor de las tres furias, Tesífone, Megera, y Aleto, administrador de todas las cosas negras del reino, de Estigie y Dite 203 , con todas sus lagunas y sombras infernales y litigioso caos, mantenedor de las volantes arpías, con toda la otra compañía de espantables y pavorosas hidras. Yo, Celestina, tu más conocida cliéntula , te conjuro por la virtud y fuerza de estas bermejas letras, por la sangre de aquella nocturna ave con que están escritas, por la gravedad de aquestos nombres y signos que en este papel se contienen, por la áspera ponzoña de las víboras de que este aceite fue hecho, con el cual unto este hilado; vengas sin tardanza a obedecer mi voluntad y en ello te envuelvas y con ello estés sin un momento te partir, hasta que Melibea, con aparejada oportunidad que haya, lo compre y con ello de tal manera quede enredada, que cuanto más lo mirare, tanto más su corazón se ablande a conceder mi petición, y se le abras y lastimes del crudo y fuerte amor de Calisto; tanto que, despedida toda honestidad, se descubra a mí y me galardone mis pasos y mensaje; y esto hecho, pide y demanda de mí a tu voluntad.(ROJAS, 1991,p.107- 108).

Nesse momento que Celestina está neste conjuro, ela ordena ao diabo que dê os poderes para realizar o feitiço para Melibea, isso é o mesmo que estar vendendo a sua alma por benefícios e pelo próprio dinheiro que ela irá ganhar. No entanto, a justificativa para tal feito seria por necessidade e para garantir a sua sobrevivência, na qual como mulher na sociedade que vivia era necessário exercer diversos trabalhos para se manter no contexto patriarcal. Assim, Celestina como bruxa e “puta velha⁴⁶” que fazia feitiços para as pessoas em troca de dinheiro, não ficaria livremente impune por muito tempo na sociedade a que pertencia. O retrato do feminino como detentora do mal, receptáculo, assim como a caixa de Pandora:

[...] a mulher era vista como alguém capaz de trazer males ao mundo, como mostra a mitologia grega, como mito de pandora. segundo tal mito, foi Pandora que abriu o presente enviado por Zeus a Epimeteu, tornando-se dessa forma, a responsável pela a introdução de todos os males do mundo.”(ANDRETA E ALÓS, p.74).

Dessa forma, essa personificação do mal que se instalou na mulher assim como em Celestina de não confiável, gananciosa é fruto do poder eclesiástico e estatal que usava a religião para manter a mulher em seu lugar de inferioridade e

⁴⁶ Enfatizando que é assim que a personagem Celestina é chamada às vezes ao longo do texto, ela mesmo assume isso como motivo de orgulho.

submissão de acordo com suas leis. Ademais, sempre a culpabilidade tem que sobressair em alguém mais fraco, frágil e que foi rotulado com os aspectos negativos, A mulher, segundo Silva:

os culpados, ou melhor, os bodes expiatórios eram normalmente os excluídos como a “bruxa” e a prostituta que encarnavam a mulher pecadora, mas também o judeu até o leproso que ora era visto como um ser mais próximo de Deus, ora era visto como um pecado punido com a doença.(ANDORINHA, 2008, p.48).

Essa menção que Andorinha nos traz é exatamente o que estava acontecendo na comunidade onde Celestina estava vivendo, em que as mulheres eram vistas como seres inferiores e foram alvo da caça às bruxas. Além do que, a anciã era dona de um prostíbulo e era reconhecida por proporcionar prazeres locais, um cargo que devemos pensar, pois tinha grande relevância na era moderna. Onde os prostíbulos foram para todos sem exceção, incluindo desde as mais altas classes, média, pobres e religiosos também. A igreja como poder altamente forte na época repudiava este local que Celestina tinha e por exercer seu trabalho através do corpo, do desejo e orgia, para a sociedade era uma realidade muito frequente naquele contexto, mas a Igreja não aceitava que estes lugares existissem. Segundo Rojas:

¿No has visto en los oficios unos buenos y otros mejores? Así era tu madre, que Dios haya, la prima de nuestro oficio, y por tal era de todo el mundo conocida y querida, así de caballeros como de clérigos, casados, viejos, mozos y niños. ¿Pues mozas y doncellas? Así rogaban a Dios por su vida como de sus mismos padres.(ROJAS, 199, 1991,p.156-157).

Ou seja, a essência de Celestina aos olhos da igreja é desprezível, pois uma mulher adúltera tida como bruxa teve destaque na sociedade que a marginaliza por tudo que ela representa de negativo no ser humano. Além do que, ela cita acima que o clero frequentava os prostíbulos de uma pecadora, usufruindo dos prazeres mundanos proibidos pela própria igreja. O sarcasmo que Rojas nos aponta a partir disso é que todos aqueles que subjagam, apontam, difamam e inferiorizam o outro, são os que mais praticam e pecam. Para os fiéis que pregam um discurso, uma ideologia perfeita de não cair na tentação da carne e do pecado, quando chegam nos locais proibidos como os prostíbulos, são os primeiros a usufruir e gozar dos prazeres que as prostitutas proporcionam, assim como o clero frequentava esses lugares.

A subjugação e a repressão que a igreja estabelecia para as pessoas em relação ao corpo era bastante forte. Desse modo, fazendo uma divisão, a alma e o

espírito como algo superior e divino e o corpo como lugar do pecado e da carne que se deve silenciar e reprimir.(RICHARDS,1993). A exemplo disso, podemos citar que muitas pessoas decidem optar a vivenciar o celibato, não tendo sexo, reprimindo seus desejos, silenciando e rejeitando seu corpo em prol de sua crença. Assim como os padres⁴⁷ fazem em nome de sua fé.

Portanto, é necessário entender o contexto social das prostitutas na idade média/Moderna e os estigmas que as mulheres sofriam por desempenhar esse trabalho em uma sociedade machista e sexista na qual estavam imersas. Para muitos esse trabalho não é digno, mas para as mulheres necessitadas era sua salvação da fome e morte.

5.3 - A prostituta no corpo social

Na idade média, período este marcado por grande ascensão do poder religioso da igreja católica na Europa e, conseqüentemente, nas outras instâncias e países, uma das preocupações clericais era tentar conter a prostituição por vários motivos na sociedade; o pecado da luxúria, fornicação, o estupro e as doenças contagiosas muito alarmantes. Segundo Richards:

Na Idade Média, as mulheres entravam para a prostituição por razões basicamente iguais às que as levam a fazê-lo em qualquer época: pobreza, inclinação natural, perda de status, um passado familiar perturbado, violento ou incestuoso.(RICHARDS,1993,p.149-150).

Dessa forma, as mulheres que recorriam ao trabalho de prostituta não necessariamente eram pobres, mas devido ao cenário medieval e renascentista o feminino não tinha espaços como os homens disponibilizavam. Portanto, para as que não tinham condições de se manter na sociedade, a única opção era os prostíbulos, assim como Celestina pertencia ao mundo do sexo.

Ademais, o corpo da mulher será seu objeto de trabalho e sobrevivência no tecido social, pois a partir do sexo, copulação que as prostitutas proporcionavam aos homens nesse período foi benéfico também para a sociedade tradicional vivida. Richards enfatiza:

⁴⁷ O celibato foi instituído pelo Concílio de Elvira em 306, restrito à região da atual Espanha, mas somente no I Concílio de Latrão (1123) se estabeleceu a obrigatoriedade da castidade para todo clero latino, apesar das resistências. No Concílio de Trento (1545-1563), o celibato foi confirmado como regra inquebrantável. Desde o século XII, essa proibição vem sendo reiterada por cânones subsequentes, se mantendo intocável até a atualidade. (Silva,2010,p.55)

Os rapazes circulam em grupos, ganhando uma reputação pelos hábitos de beber, brigar e frequentar prostíbulos, e existem em todos os níveis sociais. O incentivo da sociedade para que usem um bordel e os serviços de uma prostituta, implícito na municipalização de casas de má fama no final da Idade Média, poderia muito bem ser visto como uma defesa contra a perpetração de estupros indiscriminados em número excessivo. (RICHARDS,1993,p.53).

Ou seja, os bordéis foram um ambiente que a figura masculina usou para sua satisfação sexual, de seus impulsos e desejos carnis. Desse modo, percebemos que as prostitutas tinham um papel muito importante e significativo no corpo social, mas sempre foi desvalorizada e inferiorizada principalmente pela Igreja por representar o pecado acoplado ao sexo. Silva e Medeiros nos brindam com um pensamento que resume bem as ideologias da época:

As prostitutas eram vistas como aquelas que se deitavam com vários homens, não para procriar, mas sim, para satisfazer as vontades dos homens que as procuravam, principalmente aqueles rapazes, solteiros, que praticavam esse ato antes do casamento.(SILVA E MEDEIROS, 2014,p.14-15).

Em consonância com esse pensamento, um dos pontos que a igreja pregava e apoiava no medieval era a relação sexual para fins de procriação, multiplicação da espécie em primeiro lugar na esfera social patriarcal.(RICHARDS,1993). Concepção essa um tanto sexista e misógina que foi perpetuada por muito tempo pelo poder masculino, colocando a mulher como apenas geradora de vidas, sem essa utilidade para o homem, ela se torna um ser desnecessário.

Outrossim, praticar tal ato fora do casamento com as meretrizes era inaceitável pela igreja.Logo,com autoridade acentuada nessa medievo/renascimento a cristandade começa a impor limites e restringir a mulher ao prazer, pondo como função dar filhos apenas (SILVA E MEDEIROS,2014). Assim, tudo que fugia dos padrões religiosos dos cristãos como: os hereges, leprosos, homossexuais, prostitutas e bruxas tinha um fator que os interligava, o sexo. “O estereótipo do desviante estreitamente ligado ao diabo pela luxúria era utilizado para demonizá-los”(RICHARDS,1993,p.33). Portanto, o medievo traz a condição moral da mulher, prostituta, homossexuais relacionado ao sexo para classificá-los, discriminá-los por princípios religiosos que a igreja defendia e julgava certo.

Agora, discutimos a questão da profissão de Celestina como um processo de ascensão e relevância na sociedade, pois seu conhecimento em medicina ou farmacêutico proporcionou um reconhecimento entre as pessoas, como um status

social que a fez uma bruxa tão procurada para fazer feitiços, partos, cirurgia de “Virgos⁴⁸” entre outras coisas. Sendo assim, veremos como a personagem desenvolve e estabelece suas relações com o povo.

5.4 - Os encantamentos de seu ofício: a prostituta em ascensão

A realidade da mulher nesse período de repressão, a condição da natureza feminina e da bruxaria foi um contexto que trouxe a sexualidade e o corpo como instrumento de conexão com o mal. Segundo Richards; “[...] o corpo e a alma eram criações de formas diferentes; o corpo do mal, e a alma do bem.” (RICHARDS.1993,p.69). Essa perspectiva que nos apresenta o autor se liga ao modo como Celestina utilizava os corpos como um produto, uma mercadoria de ordem sexual para os homens satisfazerem seu impulso e desejos sexuais em prol de lucrar com isso. O corpo se torna o mal para a igreja.

Ademais, o corpo foi uma forma de sobreviver às condições que a própria sociedade impunha como único recurso para a sobrevivência de muitas mulheres. Além do que, a situação de trabalho para as mulheres não eram muitas, recorrendo a prostituição em troca de bens e serviço a partir do próprio corpo.

Essa represália da igreja de tentar controlar os modos de como a mulher usava o seu corpo, de como vivia e como se comportava, foram os princípios que o poder clerical pregou para o feminino. Sabemos que existiam aquelas que se prostituíam por necessidades e outras por livre espontânea vontade seguiam o caminho da prostituição. Segundo Ceccarelli:

O território de prazeres ilegítimos, que conta com a cumplicidade entre aqueles que o frequentam, permite os homens viver fantasias sexuais inconfessáveis, sem se sentir ameaçado em sua identidade social. (CECCARELLI, 2008,p. 9).

A puta anciã Celestina dominava e, por experiência ao longo dos anos em sua vida, trouxe consigo uma vasta franquia de homens que procuravam seu prostíbulo para usufruir das prostitutas que trabalhavam para ela. Além disso, seu público era de pessoas comuns, nobres e até mesmo os cleros que buscavam prazer nas cafetinas de Celestina. Segundo Rojas;

[...] y aquestas, en tiempo honesto, como estaciones, procesiones de noche, misas del gallo, misas del alba, y otras secretas devociones.

⁴⁸ Essa cirurgia que Celestina fazia era um procedimento de reconstrução do hímen, onde muitas mulheres iam ao seu estabelecimento para recuperar sua virgindade.

Muchas encubiertas vi entrar en su casa; tras ellas hombres descalzos, contritos y rebozados, desatacados, que entraban allí a llorar sus pecados.(ROJAS, 1991,p.74-75).

O campo de atuação que trazia dinheiro naquele momento na sociedade eram os prostíbulos a partir da luxúria para as mulheres e as demais. Celestina foi treinada desde nova pela mãe de Pármemo para ser uma prostituta intensamente desejada e gananciosa por dinheiro em sua vida, visto que a fase de juventude passou e logo depois se tornou a dona do local quando sua mãe morreu.

Outrossim, além de ser dona de um prostíbulo, Celestina exercia outras profissões acumuladas ao longo de sua vida, como perfumante, lavradeira, fazer virgem, bruxa, feiticeira⁴⁹, entre outros ofícios em sua trajetória (Rojas,1991). Ou seja, sua sabedoria era enorme e conhecia as fraquezas e virtudes humanas, utilizando tudo ao seu favor com astúcia e maestria, sendo persuasiva psicologicamente com todos os personagens ao seu redor.

A prática medicinal que ela dominava foi um meio que estabeleceu relações e contato com muitas pessoas, tornando-se a mais procurada para fazer casais se apaixonarem e ficarem juntos, utilizando ingrediente de natureza diversa e pedindo as entidades do mal (demônio) para intervir em favor de seus feitiços. Para muitos sua prática era útil e para outros vista como algo demoníaco . Tosi enfatiza que

tratar-se da repressão de um saber, ainda que empírico, praticado pelas mulheres. Com efeito, um contingente importante das acusadas de bruxaria estava formado por mulheres velhas que dominavam um saber ancestral, que consistia no uso de ervas de reconhecida eficácia. Esse saber, transmitido por via oral, era, em princípio, acessível a qualquer um, mas essas mulheres o herdavam através de laços familiares ou de vizinhança e eram, por assim dizer, as principais depositárias.(TOSI,2012, p.394 -395).

Estes saberes ancestrais sobre a natureza e o corpo Celestina coordenava muito bem. Visto que, são conhecimentos passados por mulheres que ela teve contato, como por exemplo sua mãe Claudina, que era sua mestra. Logo, é até evidenciado por Pármemo sobre o local onde a bruxa tinha uma imensa variedade de remédios feitos para servir o povo quando iam em sua procura.

Tenía huesos de corazón de ciervo, cabezas de codornices, sesos de asno, tela de caballo, mantillo de niño, haba morisca, guija marina,

⁴⁹ As mulheres consideradas feiticeiras, em sua maioria, eram aquelas que realizavam partos, preparavam unguentos e extratos capazes de parar sangramentos e aliviar dores.As mulheres tidas como bruxas eram as que representavam o mal, pois estavam relacionadas ao demônio, à luxúria.(SOUZA, PEREIRA E FRANCA, 2018, p.73-74).

soga de ahorcado, flor de yedra, espina de erizo, pie de tejón. granos de helecho, la piedra del nido del águila y otras mil cosas.(Rojas,1991,p.76-77).

Assim, pela descrição de Pármeno sobre a diversidade de elementos e ingredientes que Celestina tinha para fazer poções e feitiços em seu laboratório farmacêutico, sua atuação se assemelha ao trabalho de um médico.(Botta,1994). Todavia, sabemos que o trabalho de médico era exclusivamente para a supremacia masculina nesta época renascentista e a exclusão da figura feminina desse campo. Ou seja, mesmo assim, Celestina, de certo modo, exerceu essa profissão conforme a necessidade do povo, uma vez que sua manipulação de ervas medicinais e curativas era enorme; “Lucrecia: conoce mucho en hierbas, cura niños [...]”(Rojas,1991,p.112). Dessa forma, pelas afirmações de Pármeno e Lucrecia percebemos que a população usufruía consideravelmente dos serviços da feiticeira Celestina, recorrendo aos seus “feitiços” para curar os males que assolavam a sociedade moderna de Espanha.(Botta,1994).

Além disso, segundo Vian Herrero (1990) apud Botta (1994), Celestina detinha conhecimentos ginecológicos que afetam as mulheres, em que a própria feiticeira diagnosticava como também curava com seus remédios medicinais. como Botta enfatiza a passagem do discurso que comprova essa questão sobre a mulher. “AREÚSA. Pues así goce de mi alma, no se me ha quitado el mal de la madre. No sé cómo pueda ser.”(ROJAS,1991,p.171). Logo, Botta (1994) a partir dessa passagem em Celestina, sugere que esse “mal de la madre” estaria relacionado ao período de menstruação das mulheres. Portanto, o papel de Celestina como curandeira ou médica foi valioso para mulher, dando alívio das cólicas e das dores com suas ervas e poções amenizando esse ciclo menstrual.

Ademais, seu ofício como curandeira é uma profissão muito significativa e importante. Celestina estava tratando do corpo e alma, não na perspectiva cristã, mas no sentido da própria vida, de permitir se apaixonar, adoecer e ser curado, seja muitas vezes por feitiços ou, outras vezes, por ervas medicinais. Logo, a fusão de seus ofícios e o conhecimento dessa mulher vai no movimento contrário ao da igreja.

Para a igreja o corpo era um local do pecado, da tentação e da impureza e a bruxa Celestina, através do seu trabalho, vivia de maneira livre os prazeres da vida e proporcionava com seus poderes ajudar aqueles com enfermidades corporais e

amorosas ao longo de sua vida. Segundo Aguiar: [...]Celestina coloca que ninguém lhe impôs os múltiplos ofícios que exercia; ela os escolheu por necessidade de garantir sua sobrevivência e o seu prazer à mesa [...]. (Aguiar,2011,p.56). Ou seja, a prática medicinal da “Putá vieja” para os religiosos tinha relação com o mal, mas a velha anciã estava tentando sobreviver às circunstâncias impostas a ela e a profissão de curandeira foi essencial para se manter viva e tendo status de relevância na sociedade.

Aliás, cuidar do corpo naquela época poderia significar nada para alguns, todavia era uma das necessidades que se precisava pensar. Porque todo contexto de alto crescimento do espaço urbano e surgimento de doenças desconhecidas causadas por falta de saneamento básico para os cidadãos, causando mortes para a população. E aqueles que detinham conhecimentos curativos para deter ou tentar curar esses males, eram procurados, assim como Celestina foi tão requisitada.

Logo, a arte ou ofício de Celestina na era renascentista era para poucas mulheres ou quase ninguém conseguiu fazer este feito com tanta visibilidade e reconhecimento no meio social. Sendo assim, é um símbolo de resiliência e adaptabilidade da mulher ao sistema masculino que prevalecia na esfera espanhola do século XV. Portanto, o trabalho da “puta vieja” na sociedade espanhola trouxe uma das primeiras mulheres a ter destaque, seja no campo da bruxaria e feitiçaria explicitamente, como no meio medicinal e curativo na idade moderna. Seus múltiplos ofícios rompem o tradicionalismo imposto pelo homem, menosprezando a capacidade e inteligência da mulher em desempenhar qualquer papel no tecido social.

Apresentamos o arquétipo da bruxa anciã e os estigmas que o popular tem sobre ela. Sendo assim, vamos evidenciar as três fases da mulher/bruxa: a juventude, a maternidade e a velha a partir da personagem Celestina para entender os estereótipos que sobressaem sobre o corpo da mulher.

5.5 - O estigma do corpo da bruxa Anciã

O imaginário das pessoas sobre uma bruxa varia muito, mas a imagética e o arquétipo em relação a sua aparência se apresenta na maioria das vezes como anciã, velha, pobre, solitária, que vive isolada ou distante das cidades como características principais. “Os contos populares a respeito de bruxaria e feitiçaria

refletem geralmente o medo dos feiticeiros e certo sentimento, ou reconhecimento, do poder deles" (RUSSELL E ALEXANDER,p.63). Portanto, a sociedade desde a antiguidade sempre teve uma visão totalmente equivocada e sexista do real sentido de ser bruxa. Esse estigma e medo das bruxas por séculos fez com que as mulheres fossem acusadas por bruxaria, adoração ao diabo,utilização de magia negra para atingir as pessoas e a fé cristã.

Desse modo, devemos pensar a “Celestina” de Rojas em uma perspectiva em que ela representa o arquétipo de velha que o tecido social coloca a personagem assim, mas sua representação pode evidenciar as fases que a mulher passa ao longo da vida. E a Celestina atinge o maior grau da fase; que é a anciã, a sabedoria, o conhecimento, o status de poder com sua velhice. Segundo Zordan:

Ambígua, a bruxa pode ser tanto a bela jovem sedutora (ainda sem marido e cheia de pretendentes) como a horrenda anciã (viúva solitária), aparentada com a morte. Como um tipo psicossocial que emerge no final da Idade Média, essa imagem abarca uma ampla gama de traçados históricos sobre as mulheres e as várias etapas de suas vidas: infância, menarca, juventude, defloramento, gravidez, parto, maternidade, menopausa, envelhecimento e morte.(ZORDAN,2005,p.332).

Assim, os estágios que Celestina atingiu foram quase todos os que o autor mencionou, sendo com exceção da gravidez, parto e o ser mãe, mas para ser mãe não necessariamente é preciso gerar e ter o feto. Pois, em seu trabalho de prostituta “puta vieja” tinha seus filhos de criação que ela tratava como tal; Palermo, Areusa e Alicia, onde sua relação de proximidade era bastante evidente e recíproca entre eles na narrativa.

Ademais, iniciaremos a pensar sobre a fase da juventude, mocidade, a beleza que a mulher aflora em sua plenitude em seus anos iniciais e que Celestina tanto enfatiza com veemência. A importância de viver intensamente esse período da vida, mesmo com os empecilhos e diversidades impostas em seu caminho. Para isso, Celestina ressalta e dá conselho para Palermo o Seguinte: “goza de tu mocedad, el buen día, la buena noche, el buen comer, y beber. Cuando pudieres hacerlo, no lo dejes”. (Rojas, 1991, p.154). “[...] porque la mocedad en sólo lo presente impede y ocupa a mirar; mas la madura edad no deja presente ni pasado porvenir”. (Rojas,1991,p.152).

Compreendemos que a parte do discurso da bruxa Celestina, a juventude é passageira para todos e principalmente para a mulher. O corpo da mulher passa por

grandes transformações corpóreas “[...] uma luta contra o tempo; pois seu corpo é também um objeto que a duração rói.”(Beauvoir,1970,p.302).Logo, quando a “puta vieja” assim se pronuncia em seu discurso com os personagens é denunciando que existe um prazo de validade para o corpo feminino, que a velhice chega e a mulher vai ser desprezada, inválida e descartada, pois não tem mais utilidade.

Sendo assim, isso faz todo sentido, quando refletimos o trabalho que Celestina desempenhava como prostituta e depois como dona do prostíbulo. O corpo foi seu instrumento de sobrevivência e de trabalho na sociedade na qual estava inserida. Quando o tempo corrói, assim como Beauvoir menciona, o “homem” usufrui e suga a vitalidade que a mulher/prostituta tem, a regra a seguir é objetiva; substituí-la por carne nova, corpos novos, prostitutas novas e bonitas para satisfazer as vontades e necessidade da figura masculina. De acordo com Beauvoir:

O horror à degradação, que todo vir-a-ser vivo acarreta, suscita em certas mulheres frias ou frustradas o horror à própria vida: elas procuram conservar-se como outras conservam os móveis e as geléias; essa obstinação negativa torna-as inimigas de sua própria existência e hostis a outrem: as boas refeições deformam a linha, o vinho estraga a tez, sorrir demais enruga o rosto, o sol mancha a pele, o repouso engorda, o trabalho desgasta, o amor dá olheiras, os beijos inflamam as faces, as carícias deformam os seios, os abraços fazem a pele murchar, maternidade enfeia o rosto e o corpo;[...] (BEAUVOIR,1970,p.302-303).

Em consonância com o pensamento da autora, Celestina, por gozar da vida e dos prazeres proporcionados como prostituta e bruxa, traz frustrações, mas também alegrias e experiências benéficas para si. “Desean harto mal para si, desean harto trabalho. Desean llegar allá porque llegando viven y el viver es dulce y viviendo envejecen. Así que el niño desea ser mozo y el mozo viejo y el viejo, más aunque con dolor(Rojas,1991,p-115). Desse modo, o caminho traçado por Celestina não foi fácil, visto que em seu caminho encontrou grandes desafios; como a repressão da igreja, da moral social e dos bons costumes em relação à mulher, prostituta e bruxa. A idealização negativa do tecido social ao ver uma mulher como Celestina com ascensão e reconhecimento nessa época é até irônico: uma mulher chegar a velhice como a “puta vieja” chegou, e por tudo que ela representa de mal em uma sociedade religiosa e machista que foi a Espanha.

Outro ponto que devemos mencionar é a fase de mãe que Celestina representa na narrativa de Rojas. A maternidade é uma fase que muitas mulheres querem passar, no entanto há outras mulheres que não se identificam ou realmente

não querem ser mães na vida, de gerar e nutrir o feto até o dia do seu nascimento. Essa realidade é presente para muitas do sexo feminino, todavia a personagem Celestina rompe esse tradicionalismo e paradigma patriarcal e social de seguir o modelo materno de ser. Ela mostra que não é preciso passar pela maternidade para se sentir mãe. Segundo Beauvoir; “É PELA MATERNIDADE que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação "natural", porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie”.(Beauvoir,1970,p.248). Sendo assim, essa perspectiva que Beauvoir se questiona sobre a construção social da maternidade para fins de procriação da época em seu livro *Mitos e fatos* de 1970 era uma realidade para algumas mulheres, mas a autora não era adepta a essa ideia.

E Celestina é exemplo de que não precisa gerar filhos para ser mãe e se realizar. A exemplo disso, e sua relação com personagem Sempronio, pois desde o seu nascimento ao seu lado e de sua mãe biológica Claudina se estabeleceu um laço de afetividade em ambos. “Celestina: Aquí está Celestina, que le vido nacer y le ayudo a Criar. Su madre y yo, uña y carne”.(Rojas,1991,p.102). O papel da matriarca tanto no prostíbulo como no pessoal, a “puta vieja” é tratada como respeito e consideração pelas prostitutas em seu estabelecimento. Portanto, o preconceito com a mulher solteira, velha e sem filhos, que não precisa seguir o “destino fisiológico” posto pela sociedade conservadora e patriarcal.

E por fim, a fase da bruxa anciã que Rojas traz com mais relevância e destaque na obra. Por toda carga negativa posta para a mulher/bruxa com idade avançada, solitária e proprietária de um bordel.

A imagem da bruxa mostra uma forma de enxergar a mulher na época, especialmente quando esta expressa algum poder. Toda a mulher que era, de alguma forma, detentora de algum poder na sociedade patriarcal da época era vista como uma figura maléfica e corruptora, merecedora de castigo, podendo ser esse castigo a forca, a fogueira ou a solidão.(ANDRETA E ALÓS,2015,p.75).

Dessa forma, a imagem bruxa que detinha alto conhecimento da vida e em práticas medicinais não era aceitável para uma mulher, reforçando também o imaginário de que uma idosa, feia e barbuda, assim como ela é descrita por Rojas, foi alvo de perseguição e preconceito por sua aparência.

O trecho abaixo sintetiza bem essa descrição:

Sempronio: Yo te lo diré. Días ha grandes que conozca en fin de esta vecindad una vieja barbuda que se dice celestina, hechicera, astuta,

sagaz en cuantas maldades hay; entiendo que pasan de cinco mil virgos los que se han hecha y deshecha por su autoridad en esta ciudad.(ROJAS,1991,p.67-68).

A imagem de Celestina posta na descrição, mesmo sendo rotulada com a aparência feia e desgastada devido ao tempo e ao seu trabalho de prostituta na juventude, o serviço que a bruxa mais executava era a feitiçaria para unir casais, “fazer virgos”, e parteira com mais frequência. Pois seu corpo não servia mais os padrões sociais de uma prostituta, um corpo firme, sadio, vivido e vigoroso que a mulher jovem esbanja em seu auge da juvenilidade. Em concordância com Beauvoir:

A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia intimida-a; procura renegá-la; exagera sua feminilidade [...] (BEAUVOIR,1970,p.345).

Dessa forma, Beauvoir traz a mulher como todo um histórico, uma bagagem, uma experiência vivida e conhecimento da vida, assim como a personagem Celestina desfrutou de sua jornada até a velhice. A autonomia dessa mulher, que tem o autoconhecimento de si própria e do seu próprio corpo, intimida os demais, justamente porque esse “exagera sua feminilidade”, é como ela se torna mais mulher, mais fêmea e empoderada com sua idade avançada.

Ou seja, Celestina tem toda uma história em seu corpo; desejos, prazeres, fraquezas, paixões, amores, desamores, que constituem sua carne, sua pele, tudo faz parte de sua essência e existência, inclusive as frustrações, os descontentamentos e os desprazeres, que foram importantes para a experiência alcançada desde sua mocidade até chegar a sua melhor fase de anciã. Porque Celestina não deixou de viver as suas fases em prol dos outros julgarem certo ou errado, ela foi uma mulher autônoma e determinada em seu tempo, rompendo o estereótipo de mulher que segue padrões sociais da sociedade.

Outro ponto relevante de apontar é que Celestina sempre menciona a expressão “mocedad” ou “goza tu mocedad” em seus diálogos, dando ênfase. Seria apenas coincidência ou tem um significado mais profundo? Pelo enfoque em seu discurso e pela quantidade de vezes que ela utiliza a palavra, que no total foram 7 vezes de 11 mencionadas, ao decorrer do texto de Rojas.

A perspectiva da “mocedad” ou “juventude” não é por acaso, pois estavam na era renascentista, das questões da beleza e culto ao corpo humano. Devido a isso,

uma hipótese que devemos refletir com Celestina é a questão da feiúra da bruxa versus os padrões de beleza nesse período do Renascimento. Segundo Eco;

[...] na maior parte de tantas fogueiras foram acusadas de feiticeiras porque eram feias. E a respeito de sua feiura, inventou-se nos sabás infernais elas poderiam se transformar em criaturas de formas atraentes, mas sempre marcadas por traços ambíguos que revelariam sua feiura interior.(ECO, 2007,p.212).

Pensando na perspectiva de Eco (2007), a feiúra exterior como reflexo da feiúra interior é algo terrível de se pensar. Logo, porque se uma pessoa é feia esteticamente por fora, conseqüentemente é feia por dentro na visão de algumas pessoas. Mas essa construção histórica permeia nossa cultura, uma vez que, se pensamos nos contos de fadas, nas histórias e narrativas mais tradicionais e que estão no imaginário popular, essa construção realmente existe.

Dessa forma, o perfil da bruxa Celestina saía totalmente dos padrões de beleza, de jovialidade, corpo e aparência que a mulher necessitava para ser desejada, cobiçada pelo homem. Esse culto ao jovem, ao belo que acarreta a vida do feminino é um martírio, pois o medo do envelhecimento é constante para a mulher. Como Celestina enfatiza; “Y cuando seas de mi edad, llorarás la holgura de ahora. Que la mocedad ociosa acarrea la vejez arrepentida y trabajosa”(Rojas, 1991, p-170).

Portanto, o estigma sobre a bruxa anciã está muito além apenas da velhice. Existe toda uma cultura sexista e machista nos padrões sociais, morais e culturais de como deve ser a juventude, a maternidade e o envelhecimento da mulher na sociedade. Então, a imagem de Celestina representa a repressão e o sexismo imposto em seu corpo, aparência, idade, trabalho e no seu modo de viver.

Em seguimento, discutiremos a simbologia da morte de Celestina no contexto da obra e da época de grande repressão à bruxa.

5.6 - A morte de Celestina

A imagética da bruxa Celestina com seu fim trágico para puni-la⁵⁰ por sua avareza,cobiça em bens materiais e dinheiro traz uma questão muito relevante através dela e dos personagens na dramaturgia da obra de Rojas. Assim, nos

⁵⁰ Devemos evidenciar que essa ideia de punição é uma construção ideológica que está vinculada aos princípios cristã da época. Como também, Rojas deu este fim trágico para Celestina porque ele estava vivenciando toda repressão a mulher e bruxa neste período de Inquisição e para eternizar sua obra como forma de sobreviver às perseguições.

mostra como a sociedade moderna se comportava, tanto nos costumes morais, religiosos, econômicos e culturais da Espanha no século XV. De acordo com Aguiar:

Rojas não evita a morte, pois ela espelha a sua desesperança nos valores renascentistas que se apresentam na obra, os personagens que valorizam a cobiça, a ganância ou avareza, o *carpe diem* e o amor vivido intensamente espelham o visão que o autor tem da sociedade em que vive.(AGUIAR,2011,p.109-110).

Desse modo, as mortes que ocorreram em decorrência da busca do dinheiro a todo custo refletem a condição humana e da moralidade do corpo social presente do ser humano. Celestina é a personificação da avareza, ela tem a consciência de que precisa obter muito dinheiro, visto que os diversos trabalhos que a bruxa executava rendiam bastantes moedas de ouro para os seus cofres, mas isso não foi o suficiente. A profissão de prostituta foi deixada para trás devido a sua velhice, pois seu corpo já não daria mais dinheiro, o que restou foi o conhecimento e experiência adquirida ao longo do tempo, sabedoria em conhecer as fraquezas e virtudes em retórica.

Ademais, sua persuasão e inteligência não foram suficientes para evitar a sua morte. Segundo Aguiar (2011), Celestina não tinha consciência de suas ações, em relação aos companheiros de trapaça, visto que ela não conseguiu persuadir Sempronio e Palermo ou reverter a situação ao seu favor. A cena da morte de Celestina é emblemática e podemos dizer que é artisticamente o ápice do confronto entre a bruxa e seus comparsas sobre a questão do dinheiro.

Sempronio: ¡Oh vieja avarienta, garganta muerta de sed por dinero! ¿No serás contenta con la tercia parte de lo ganado?

Celestina: ¿Qué tercia parte? Vete con Dios de mi casa. Y esotro no dé voces, no allegue la vecindad. No me hagáis salir de seso. No queráis que salgan a plaza las cosas de Calisto y vuestras.

Sempronio: Da voces o gritos, que tú cumplirás lo que prometiste o cumplirás hoy tus días.

Elicia: Mete, por Dios, el espada. Tenle, Pármemo, tenle no la mate ese desvariado.

Celestina: ¡Justicia, justicia, señores vecinos; justicia, que me matan en mi casa estos rufianes! Sempronio. ¿Rufianes o qué? esperad, doña hechicera, que yo te haré ir al infierno con cartas.

Celestina. ¡ay, que me ha muerto, ay, ay! confesión, confesión! Palermo.dale, dale; acábala, pues comenzaste! ! Que nos sentirán! ! Muera, muera; de los enemigos los menos! Celestina. !confesión!. (ROJAS,1991,p.233-234).

Sendo assim, mesmo no final da morte da “puta velha” em seu último diálogo antes da sua trágica partida, ela se manteve firme, em não cumprir o prometido com

os “rufianes”. Sua arrogância e altivez em não aceitar partilhar os ganhos com seus parceiros refletiu em todos que estavam ao seu redor, trazendo também infortúnios e morte para os envolvidos no feitiço feito para unir Calisto e Melibea.

[...] Celestina alude não só à mediocridade social, como também a alguns seres ficcionais grotescos que geralmente padecem de algum tipo alienação provocada pela ignorância ou pelo egoísmo reinantes, por isso, não se preocupam em discernir o justo do injusto, o correto do incorreto, pautando-se sempre pelos seus interesses pessoais.(AGUIAR,2011,p.50).

Dessa forma, a moral social dos personagens na obra de Rojas e principalmente os nobres, os membros do clero e da própria bruxa Celestina, reflete o padrão social da época na Espanha na transição para a era renascentista. Dessa forma, ao mesmo tempo em que Celestina vai concretizar, dar forma a todo um questionamento dos valores sociais, ela também vai concretizar a própria hipocrisia desses valores vigentes. A sociedade era de fachada, repressora e divisora e se mantinha tudo “em seus conformes”.

Celestina rompe com estes conformes, por ser mulher, prostituta, bruxa como também suas profissões. Por essa razão, ela incomoda o tecido social, como ao mesmo tempo todos buscam seus serviços, desde o bordel até as cirurgias para recuperar a virgindade, ervas medicinais para curas e juntar casais, tudo ela fazia nessa sociedade. A “puta velha” estava entrelaçada no corpo social e fez parte do jogo, revelando o que era a sociedade e porque também todos participam da narrativa dentro do contexto espanhol.

Portanto, a morte violenta de Celestina simboliza a transgressão humana em seu modo de ser e agir na sociedade em que vive, visto que o meio molda os valores e costumes das pessoas a seguirem modelo vigente em sua época. Assim, como a avareza, cobiça e a luxúria da bruxa Celestina, uma vez que foram os princípios que caminharam juntos em sua jornada até a velhice, com inúmeras imperfeições em seu caráter e na moral, ela praticou o que lhe foi ensinado em seu contexto social. Em vista disso, o seu perfil e natureza nada mais são do que a realidade pitoresca da Espanha.

6- Considerações finais

A literatura nos permite um estudo amplo do mundo que nos rodeia e aponta aspectos que foram evidenciados na sociedade como questões sobre as mulheres e os estigmas sofridos do feminino na Idade Média/Moderna. Através das narrativas aqui apresentadas das obras *La Celestina* de Fernando Rojas e *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* de Maryse Condé, podemos refletir questões sociais que perpassam no corpo social em determinado momento da história. Também foi possível denunciar as ideologias, os costumes, valores e a moral que estabelecia a condição humana em suas relações sociais e seus discursos feitos.

Ademais, o percurso que apresentamos neste trabalho foi uma trajetória de luta e resistência da mulher. Desde o Pecado Original de Adão e Eva por meio do estigma que se criou sobre o feminino como detentora do mal, enfatizando a construção de discursos para inferiorizar e controlar a mulher ao decorrer do tempo, como foi na Idade Média/Renascimento, o corpo da mulher foi posto como instrumento maléfico nessa invasiva perseguição ao feminino.

Além disso, evidenciamos o recorte das perseguições dos judeus e das bruxas na Espanha. A obra que analisamos *La Celestina* estava inserida no contexto medieval e entendemos como a sociedade se comportava e como a bruxaria era tratada pelas instâncias sociais: Igreja, Estado, e as pessoas em geral. Vimos também o contexto social da bruxa na velha Inglaterra até se espalhar para as Colônias Americanas como uma histeria coletiva, em sequência chegando ao caso do julgamento das bruxas de Salem de 1692, que trouxe a personagem em análise Tituba, acusada de bruxaria.

Desse modo, a análise da obra *La Celestina* nos mostrou que a mulher foi discriminada, inferiorizada e acusada de bruxaria, e quando o feminino se caracterizava em uma pessoa velha, pobre, mendiga ou prostituta eram motivos de desconfiança e as primeiras a serem apontadas como bruxas. Mas Celestina rompeu com estes padrões tendo destaque e influência no meio social, porque a curandeira era super requisitada em múltiplos trabalhos desde feitiços, reconstrução de “virgos”, juntar casais como também iam a procura de suas ervas medicinais. Logo, o conhecimento e sabedoria dela veio por meio da velhice e a tornou uma mulher sábia, empoderada e dona de si, mesmo com o infortúnio da morte, a “Putá vieja” viveu a vida com todas as fases que foi possível.

Já a análise da obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* trouxe a vertente de uma mulher negra em solos americanos que constatamos que sofreu múltiplas

agressões na vida em busca de sua liberdade, um direito básico para qualquer ser humano foi tirado de suas mãos. Além disso, sua caminhada representou luta e persistência em nunca desistir de seus sonhos e com a ajuda dos invisíveis (ancestrais) pôde se manter conectada a pessoas que amava nos momentos mais difíceis. O julgamento de Salem em 1962, a intolerância religiosa sofrida e o aborto foram acontecimentos que marcaram sua vida, corpo e mente. A liberdade veio por meio da morte, onde realmente Tituba se sentiu livre e foi capaz de andar livremente sem perseguições ou violações pelo homem.

Portanto, a partir dessa pesquisa, foi possível refletir acerca de muitas questões relacionadas ao feminino e dos desdobramentos que permeiam a caça às bruxas na Espanha e na Colônia Americana nessa temática significativa que marca a história. Além de tudo, com base nas obras de Rojas e Condé, possibilitou-se uma visão do modo como a bruxa foi tratada em respectivo tempo com repressão, opressão e acusação incessante à bruxaria. Inferimos que estas duas mulheres Celestina e Tituba simbolizam a resistência ao sistema opressor masculino, o qual tentou silenciá-las e apagá-las da história. Entretanto, isso não foi possível porque sua trajetória de luta ficou na memória do povo e atravessou séculos seguindo vivas na literatura e no tempo. Dessa forma, a morte histórica e física que se narra não mata a força dessas mulheres que continuam inspirando tantas outras.

7 - Referências

AGUIAR, Andrea Augusta de. **O discurso de Celestina: a construção e a desconstrução da personagem**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

ALVES, Alcione Correa; DE OLIVEIRA, Jonata Alisson Ribeiro. **Colonialidade e gênero no romance Eu, Tituba: bruxa negra de Salem, de Maryse Condé**. *Scripta*, v. 25, n. 55, p. 518-551, 2021.

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. A imagem da bruxa em La Celestina, de Fernando de Rojas. *Raído*, v. 9, n. 20, p. 71-83, 2015.

ANDORINHA, Sílvia Maria L. **A" religiosa" e a" bruxa": Imagem da mulher em contos populares**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

ALBEROLA, Eva Lara. **Hechiceras y brujas en la literatura española de los Siglos de Oro**. Universitat de València, 2010.

BARROS, José D.'Assunção. Os trovadores medievais e o amor cortês: reflexões historiográficas. **Revista Aletheia**, v. 1, p. 1-15, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento. **Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil**, 1969.

BOBBIO, Norberto. **Igualdade e Liberdade**. tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BOTOSSO, Tatiana Cavalcante de Oliveira. **Vozes insurgentes: o discurso do feminismo negro na América Latina e Caribe**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2021.

BOTTA, Patrizia. La magia en la Celestina. **Dicenda. Cuadernos de filología hispanica**, v. 12, p. 37-67, 1994.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero**. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998.

CARDOZO, Irene Corrêa de Paula Sayão; DA FARIA, Consuelo Gouvêa. **FIGURAÇÕES DA MATERNIDADE E DA MEMÓRIA EM EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM, DE MARYSE CONDÉ**. Revista Práticas de Linguagem, v. 11, n. 1, 2021.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição—Corpo como mercadoria. Mente & cérebro—sexo**, v. 4, n. 1, p. 1-14, 2008.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba bruxa negra de salem**. trad. de Natalia Borges Polesso. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 2020.

COSTA, Isabelle Rodrigues de Mattos. **Da modernidade à contemporaneidade: figurações da bruxa nas literaturas inglesa e norte-americana**. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CUNHA, Rosiely Façanha; DA SILVA, Joanna. MULHER PRETA E HOMEM BRANCO. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH**, v. 2, n. 1, Jan-Jun, p. 95-115, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHAGAS, Letícia; CHAGAS, Arnaldo Toni. **A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil**. *Psicologia. pt–o portal dos psicólogos*, p. 1-8, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2016.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, 1980. 3, p. 81-85.

Eco, Umberto. **História da Feiúra**: Organização de Umberto Eco. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, Danubia de Andrade. **O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude**. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, p. 691-713, 2016.

FELDMAN, Sergio Alberto. **Memória, identidade e resistência cultural: os judeus entre a espada e a cruz na Espanha Medieval (séculos XIV e XV)**. *Dimensões*, n. 33, p. 180-205, 2014.

GEVEHR, Daniel Luciano; DE SOUZA, Vera Lucia. **As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas**. *Revista Acadêmica Licenciaturas*, v. 2, n. 1, p. 113-121, 2016.

GONCALVES, Bruno Galeano de Oliveira. **Uma ilha assombrada por demônios: a controvérsia entre John Webster e Joseph Glanvill e os desdobramentos filosóficos e religiosos da demonologia na Inglaterra da Restauração (1660-1680)**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Lisboa: Plataforma Gueto, 2014.

KARNAL, L. et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes. 31. ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2021.

MELO, J. C. O. de. **A literatura de rua na Inglaterra Moderna: uma análise das representações da mulher criminosa e da bruxaria no panfleto The most cruel and bloody murder (1606)**. *Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.]*, v. 14, n. 27, p. 278–299, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i27.12210. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12210>. Acesso em: 9 jul. 2022.

MORAES, Caroline Martins Ramos de. **(Sobre)vivência de Tituba, bruxa negra de Salem: uma análise sincrônica sobre a representatividade de Tituba enquanto**

mulher negra no romance de Maryse Condé. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

MUÑOZ, Víctor José Ortega. Brujería en la Edad Moderna. Una aproximación. **Revista de Claseshistoria**, n. 4, p. 6, 2012.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.** *Psicologia & Sociedade*, 2006, 18: 49-55.

NOEME Santos Portela, L. **Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média.** *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, v. 14, n. 2, p. 252-281, 23 dez. 2017.

OYARZABAL, Myrian Vasques et al. **A tradução de relatos culturais bruxólicos de Juan Garmendia Larrañaga apoiada nos casos de Franklin Cascaes.** Florianópolis, 2020.

PAIVA, José Pedro; COMUNICAÇÕES NO ÂMBITO DA IGREJA, As. Inquisição. **DOMINGUES, Francisco Contente (Dir.)-Dicionário da Expansão Portuguesa (1415-1600)**, v. 2, p. 567-574, 2015.

PEREIRA, Luciana Cabral. **Repensar o Ensino da Literatura: novos caminhos no Correio de Educação**, Janeiro. 2011.

PITON VARGAS, S. Inquisição na Espanha: desde o antijudaísmo na Antiguidade à perseguição dos conversos na Idade Moderna. *Revista Historiador*, [S. l.], n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/34>. Acesso em: 8 jun. 2022.

PRIETO, Claudiney. **A religião da Deusa.** Revista atualizada, 54ª ed. São Paulo: Editora Alfabeta, 2020.

RIBEIRO, Maria Alexandra Moreira. **O CORPO NA IDADE MÉDIA E O DISCURSO OFICIAL DA IGREJA CATÓLICA.** In: **ENCONTRO INTERNACIONAL. HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURA**, 2., 01 a 04 de dezembro de 2014, Fortaleza. Anais.... Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2014.

ROJAS, F. de. **La Celestina.** Maryland: Scripta Humanistica, 1991.

ROWLAND, Robert. Cristãos-novos, marranos e judeus no espelho da Inquisição. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 11, p. 172-188, 2010.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo Desvio e Danação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

RIVAS, Luz Marina. **Afecto, amor y sexualidad como formas de subversión de las esclavas en Maryse Condé y Adelayda Fernández Ochoa**. 2018.

RUSSELL, Jeffrey Burton, ALEXANDER Brooks. **História da bruxaria**. trad. Álvaro Cabral e William Lagos. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes : mito e realidade**. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, G. C. dos A. **Os estudos feministas e o racismo epistêmico**. Revista Gênero, Niterói, RJ, v. 16, n. 2, p. 7-32, jan/ jun. 2016. Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos.

SANTOS, Aurélio Henrique Souza dos. **Aspectos históricos de La Celestina : o amor proibido de Calisto e Melibea**. 2019. Monografia – (Graduação em História) - Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SEGURA, Cristina. **La violencia sobre las mujeres en la Edad Media**. Estado de la cuestión. **Clio & Crimen**, n. 5, p. 24-38, 2008.

SILVA, Edlene Oliveira. **Sacerdotes e maridos: a crise do celibato e a formação do Movimento de Padres Casados no Brasil contemporâneo**. NÚMERO 28–ANO XV–JUNHO 2010, v. 22, n. 28, p. 55-77, 2010.

SILVA, A. C. da; MEDEIROS, M. M. de. **Sexualidade e a história da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII**. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 7, n. 14, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946>. Acesso em: 4 maio. 2022.

DA SILVA CARDOSO, Virginia Arlinda FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **A dominação masculina e a igreja católica: um estudo do filme A Papisa Joana**. Revista Café com Sociologia, v. 9, n. 1, p. 27-43, 2020.

SOUZA, Edilson Alves de; PEREIRA, Nair Fernandes; FRANCA, Vanessa Gomes. **De mulheres e bruxas: o imaginário medieval nos contos “São os cabelos das mulheres” e “Quem me deu foi a manhã”, de Marina Colasanti**. *Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES*, 2018, 34.

SOARES, JOSÉ LEONARDO DOS SANTOS. **PODER, PERSEGUIÇÃO E SILENCIAMENTO: A CAÇA AO “OUTRO” EM “AS BRUXAS DE SALÉM” DE ARTHUR MILLER**. 2019.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TOSI, L. **Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna**. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 10, p. 369–397, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>.
Acesso em: 7 jun. 2022.

WIESEL, Elie. **VADE-MECUM por uma luta contra a intolerância**. IN *A Intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. **Bruxas: figuras de poder**. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 331-341, 2005.